

**BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES
UNESP**

RESSALVA

Alertamos para ausência de figuras, não incluídas pelo autor no arquivo original.

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Elementos de Persuasão

no Discurso Religioso

"A Comunicação por meio do Mito"

Pedro Celso Campos

A presente dissertação de mestrado, é resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido por Pedro Celso Campos, no curso de pós-graduação "Projeto, Arte e Sociedade". Área de Concentração: Comunicação e Poéticas Visuais", sob orientação da Prof^a. Dr^a. Nelyse Aparecida Melro Salzedas, FAAC/UNESP - Bauru.

BAURU

1997

○ contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar.

Chaim Perelman

AGRADECIMENTOS

À **Prof^a. Dr^a. Nelyse Aparecida Melro Salzedas** pelo incentivo, carinho e dedicação com que orientou este trabalho

Ao teólogo **Frei Mauro Strabeli** pela paciência na correção da parte teológica da pesquisa e pelos livros indicados

À **Prof^a. Dr^a. Besma Massad** (Betina), amiga e companheira, além de mestra culta e dedicada

À **Prof^a. Dr^a. Irmã Jacinta Turolo**, Reitora da USC, pelas palavras de incentivo

Ao Prof. **Dr. Silvio Santana Jr.**, coordenador da área de Filologia e Lingüística Portuguesa do Curso de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, pelas sugestões

À minha esposa **Maria Lúcia** e meus filhos

Thiago, Fábio e Júnia privados longas horas de minha presença e atenção durante a pesquisa

Banca Examinadora

Profª Drª Nelyse Aparecida Melro Salzedas

Profª Drª. Irmã Jacinta Turolo

Prof. Dr. Silvio Santana Jr.

Resumo

Este estudo analisa a função do mito na esfera do discurso religioso, fazendo um recorte entre o "auditório" dos tempos bíblicos e as condições atuais de recepção. Através de breve análise tenta-se mostrar que ocorreram variações específicas no modo de anunciar o sagrado, preservando-se a essência da mensagem. Trata-se de refletir com os comunicadores católicos que tipo de mensagem o auditório espera hoje e como ela deve ser transmitida para atingir a persuasão tanto no sentido de evitar a evasão de fiéis, como de conquistar novos adeptos ou, ainda, de melhorar a qualidade do auditório.

Palavras-Chave

Discurso - Orador - Ouvinte - Persuasão - Mito - Rito

ABSTRACT

This study analyzes the use of mythical religious speech, contrasting and comparing the difference between how the biblical message was conveyed verses the conveyance of the same message in modern times. Through a short analysis, it attempts to show speech has been used trough the ages with some variation at times in order to convey the essence of the sacred message. Finally it discusses the expectations of modern people and it suggests an approach to effectively transmit the message to today's society. It also attempts to convey the message in such a way as to improve prospects for attracting better people to the catholic faith.

Key-words: **Discourse - Orator - Hearer - Persuason - Myth – Rite**

TEXTOS BÍBLICOS E ECLESIAÍSTICOS

ÊX 20, 2-17

"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o senhor teu Deus, o Deus forte, e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira, e quarta geração daqueles que me aborrecem; e que faz misericórdia até mil gerações àqueles que me amam, e que guardam os meus preceitos.

Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus: porque o Senhor não terá por inocente aquele que toma em vão o nome do Senhor seu Deus.

Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia porém é o dia do descanso consagrado ao senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua besta, nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro. Porque o Senhor fez em seis dias o céu, e a terra, e tudo o que neles há e descansou ao sétimo dia. Por isso o Senhor abençoou o dia sétimo, e o santificou.

Honrarás a teu pai, e tua mãe, para teres uma vida dilatada sobre a terra, que o Senhor teu Deus te há de dar.

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não furtarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo: não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença".

Texto nº 02

MT 5, 3-16 . 21-48

"Bem - aventurados os pobres de espírito: porque deles é o reino dos céus.

Bem - aventurados os mansos: porque eles possuirão a terra.

Bem - aventurados os que choram: porque eles serão consolados

Bem - aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque eles serão fartos.

Bem - aventurados os misericordiosos: porque eles alcançarão misericórdia.

Bem - aventurados os limpos de coração: porque eles verão a Deus

Bem - aventurados os pacíficos: porque eles serão chamados filhos de Deus

Bem - aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça: porque deles é o reino dos céus.

Bem - aventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo mal contra vós, mentindo, por meu respeito. Folgai, e exultai, porque o vosso gáudio será copioso nos céus: pois assim também perseguiram os profetas que foram antes de vós.

Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar? Para nenhuma coisa mais fica servindo, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade situada sobre um monte. Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa. Assim luza a vossa luz diante dos homens. Que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos céus". (Mt 5,3-16).

" Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás: e quem matar será réu no juízo. Pois eu digo- vos: que todo o que se ira contra seu irmão, será réu no juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será réu no conselho: e o que lhe disser: És um tolo, será réu do fogo do inferno..

Portanto, se tu estás fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar aí que teu irmão tem contra ti alguma coisa: deixa ali a tua oferta diante do altar e vai-te reconciliar primeiro com teu irmão: e depois virás fazer a tua oferta...

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu porém digo-vos: que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela...

Também foi dito: Qualquer que se desquitar de sua mulher, dê-lhe carta de repúdio. Mas eu vos digo: que todo o que repudiar a sua mulher, a não ser por causa de fornicção, a faz ser adúltera: e o que tomar a repudiada, comete adultério.

Igualmente ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso: mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos. Eu porém vos digo: que absolutamente não jureis, nem pelo céu, porque é o trono de Deus: nem pela terra porque é o assento de seus pés: nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei: nem jurarás pela tua cabeça, pois não podes fazer que um cabelo teu seja branco ou negro: porque tudo o que daqui passa, procede do mal.

Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho, e dente por dente. Eu porém digo-vos, que não resistais ao que vos fizer mal: mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra. E ao que quer demandar-te em juízo, e tirar-lhe a tua túnica, larga-lhe também a capa. E se qualquer te obrigar a ir carregado mil

passos, vai com ele ainda mais outros dois mil. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu próximo, e aborrecerás a teu inimigo.

Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio: orai pelos que vos perseguem e caluniam: para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus: e vir chuva sobre justos e injustos. Porque se vós não amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? Sede vós logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito". (Mt 5, 21 - 48)

Texto nº 03

JOÃO PAULO II - CENTESIMUS ANNUS

... Para a Igreja, a mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a ação. Impelidos por esta mensagem, alguns dos primeiros cristãos distribuíaam os seus bens pelos pobres e davam testemunho de que era possível uma convivência pacífica e solidária, apesar das diversas proveniências sociais. Pela força do Evangelho, ao longo dos séculos, os monges cultivaram as terras, os religiosos e as religiosas fundaram hospitais e asilos para os pobres, as confrarias, bem como homens e mulheres de todas as condições empenharam-se a favor dos pobres e dos marginalizados, convencidos de que as palavras de Cristo: "Cada vez que fizestes estas coisas a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes" (Mt 25,40), não deviam permanecer um piedoso desejo, mas tornar-se um compromisso concreto de vida.

A Igreja está consciente hoje mais que nunca de que a sua mensagem social encontrará credibilidade primeiro no testemunho das obras e só depois na sua

coerência e lógica interna. Desta convicção provém também a sua opção preferencial pelos pobres, que nunca deve ser exclusiva nem discriminatória relativamente aos outros grupos. Trata-se, de fato, de uma opção que não se estende apenas à pobreza material, dado que se encontram, especialmente na sociedade moderna, formas de pobreza não só econômica mas também cultural e religiosa. O amor da Igreja pelos pobres, que é decisivo e pertence à sua constante tradição, impele-a a dirigir-se ao mundo no qual, apesar do progresso técnico-econômico, a pobreza ameaça assumir formas gigantescas. Nos Países ocidentais, existe a variada pobreza dos grupos marginalizados, dos anciãos e doentes, das vítimas do consumismo, e ainda de tantos refugiados e emigrantes; nos Países em vias de desenvolvimento, desenham-se no horizonte crises dramáticas se não forem tomadas medidas internacionalmente coordenadas.

O amor ao homem - e em primeiro lugar ao pobre, no qual a Igreja vê Cristo - concretiza-se na promoção da justiça. Esta nunca se poderá realizar plenamente, se os homens não deixarem de ver no necessitado, que pede ajuda para a sua vida, um importuno ou um fardo, para reconhecerem nele a ocasião de um bem em si, a possibilidade de uma riqueza maior. Só esta consciência dará a coragem para enfrentar o risco e a mudança implícita em toda a tentativa de ir em socorro do outro homem. De fato, não se trata apenas de "dar o supérfluo", mas de ajudar povos inteiros, que dele estão excluídos ou marginalizados, a entrarem no círculo do desenvolvimento econômico e humano. Isto será possível não só fazendo uso do supérfluo, que o nosso mundo produz em abundância, mas sobretudo alterando os estilos de vida, os modelos de produção e de consumo, as estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades. Não se trata de destruir instrumentos de organização social que deram boa prova de si, mas principalmente de os orientar segundo uma concepção adequada do bem comum dirigido a toda a família humana. Hoje está-se a verificar a denominada "mundialização da economia" (globalização), fenómeno este que não deve ser desprezado, porque pode criar ocasiões extraordinárias de maior bem-estar. Mas é sentida uma necessidade cada vez maior de que a esta crescente internacionalização da economia correspondam vários organismos internacionais de controle e orientação que encaminham a

economia para o bem comum, já que nenhum Estado por si só, ainda que fosse o mais poderoso da terra, seria capaz de o fazer. Para poder conseguir tal resultado é necessário que cresça o entendimento entre os grandes Países, e que nos organismos internacionais sejam relativamente representados os interesses da grande família humana. Mas impõe-se também que, ao avaliarem as conseqüências das suas decisões, tenham em devida conta aqueles povos e Países que têm escasso peso no mercado internacional, mas em si concentram as necessidades mais graves e dolorosas, e necessitam de maior apoio para o seu desenvolvimento. Sem dúvida, há ainda muito a fazer neste campo.

Para se cumprir a justiça e serem bem sucedidas as tentativas dos homens para a realizar, é necessário o dom da graça que vem de Deus. Por meio dela, em colaboração com a liberdade dos homens, obtém-se aquela misteriosa presença de Deus na história que é a Providência.

Texto nº 04

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1996

A CF quer evangelizar, em vista da vida fraterna e da transformação social, a partir de um aspecto concreto da vida. Este aspecto, assumido como tema de uma CF, é analisado, à luz da Palavra de Deus, no espírito quaresmal, em preparação da Páscoa, segundo o método ver-julgar-agir. O tema é abordado de diversas formas e sob diversas dimensões. É refletido nos roteiros catequéticos, nas homilias, nos círculos bíblicos, nas mensagens nos meios de comunicação, no cartaz, nos cantos. É celebrado na liturgia por meio de celebrações da Palavra, da Eucaristia, Via-Sacra, flora Eucarística, Celebração da Misericórdia...

O tema da CF de 1996, Fraternidade e Política, exige especial esforço para perpassar todos estes meios e estes momentos da vida das comunidades e grupos. Para muitos é um assunto alheio à abordagem do ponto de vista religioso, litúrgico,

catequético; não é assunto de interesse ou é rejeitado pela imagem negativa que carrega.

Este tema foi escolhido por ter sido indicado por diversos Regionais e porque é necessária a formação da consciência política das pessoas a fim de que exerçam sua cidadania. O cidadão deve conhecer seus direitos e deveres para uma convivência social condizente com a dignidade da pessoa humana. 1996 será propício para a reflexão sobre o assunto porque o Governo nos níveis federal e estadual estará entrando em seu segundo ano e porque haverá eleições municipais.

Assim, a CF de 1996 tem os seguintes objetivos:

* geral: contribuir para a formação política dos cristãos para que exerçam sua cidadania sendo sujeitos da construção de uma sociedade justa e solidária;

* específicos:

1º) ampliar o conceito de política para além de processos eleitorais;

2º) oferecer elementos para um novo exercício da política a partir do pobre e do excluído;

3º) incentivar as pessoas a se tornarem sujeitos da ação política na promoção do bem comum;

4º) clarear a ligação da política com o cotidiano das relações familiares, comunitárias e eclesiais;

5º) estimular a militância política e o exercício de cargos públicos revisando permanentemente a prática do poder.

O Texto-base oferece a devida fundamentação e justificação para a escolha e o tratamento do tema. A transcrição de alguns textos de documentos da Igreja e a indicação de outros podem ajudar numa motivação ao estudo da temática.

1) Documento Igreja, Comunhão e Missão na Evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura (Col. Doc. da CNBB, nº 40, Ed. Paulinas, 1988):

- "A Igreja não pode ignorar a política, não apenas enquanto instrumento necessário de organização da vida social, mas sobretudo enquanto expressão de opções e valores que definem os destinos do povo e a concepção do homem" (nº 185).

- "A razão mais profunda da atitude da Igreja frente à política decorre da consciência evangélica de sua missão. Cabe-lhe iluminar o horizonte da política pela verdade sobre o homem que ela professa" (nº 203).

- "Do ponto de vista ético ou dos valores, a política é o conjunto de ações pelas quais os homens buscam uma forma de convivência entre os indivíduos, grupos, nações que ofereça condições para a realização do bem comum. Do ponto de vista dos meios ou da organização, a política é o exercício do poder e a luta para conquistá-lo. Enquanto abrange, de certo modo, toda a sociedade e procura regular toda a vida social, a política se torna também expressão de uma concepção do homem e de projetos globais, e suscita tanto os mais nobres ideais quanto paixões e egoísmo" (nº 184).

2) Documento Exigências Cristãs de uma Ordem Política (Col. Doc. da CNBB, nº 10, Edições Paulinas, 1977).

- "A participação Política é uma das formas mais nobres do compromisso a serviço dos outros e do bem comum. Ao contrário, a falta de educação política e a despolitização de um povo, e especialmente dos jovens, pela qual fossem reduzidos à condição de simples espectadores ou de atores de uma participação meramente simbólica, prepararia e consolidaria a alienação da liberdade do povo nas mãos da tecnocracia de um sistema" (nº 27)

INTRODUÇÃO

"É preciso que exista, enfim,
uma hora clara, depois que os
corpos se resignam sob as pedras
como máscaras metidas no chão."

(Cecília Meirelles: Futuro)

Este trabalho pretende estudar a utilização do mito na esfera do sagrado através dos tempos.

Escolhemos o cristianismo por abranger várias denominações religiosas baseadas na tradição e na Bíblia; delimitamos o campo da pesquisa ao catolicismo, termo derivado de *katholikós*, geral, universal, idéia já presente em formulações dos antigos, como em Aristóteles.

Dentro de nossa linha centrada no ensino da Comunicação, tentaremos mostrar como o discurso religioso usa o Mito para se comunicar e, principalmente, para persuadir.

Julgamos pertinente observar como o catolicismo soube transformar e incorporar mitos e ritos pagãos de todos os tempos para transmitir a sua mensagem central, baseada no plano de Deus, a fim de dar um sentido à vida humana.

Essa transformação e apropriação de termos, símbolos e imagens inicia-se logo em meados do primeiro século depois de Cristo, quando Santo Inácio, bispo de Antioquia, na Epístola aos cristãos de Esmirna, usa o termo "católico" para distinguir a religião cristã dos apóstolos e discípulos de Cristo, diferenciando-a, assim, de outras denominações também baseadas nos ensinamentos de Cristo, mas que escolhiam algumas verdades da fé e rejeitavam outras ("heresia", que quer dizer "escolha").

Ao longo de sua história - e para falar de seu discurso é preciso contar um pouco da história da Igreja através dos séculos - a Igreja Católica desenvolveu todo um processo de escolha, atualização e transformação de expressões e símbolos adequando-os a cada tempo, a cada povo, a cada região, para assegurar a melhor recepção ao seu discurso de conversão.

Pretendemos aplicar as teorias clássicas da argumentação e da recepção, com atualização do texto para estudar o rico acervo de imagens e símbolos do discurso religioso, com destaque especial para o rito da missa que é um conjunto de signos onde o rito atualiza, permanentemente, o maior de todos os mitos da humanidade, o Mito de Yohanan ben Joseph, também chamado Filho de Davi, o Enviado, o Messias, o Salvador, aquele que disse: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim !" (Jo 14,6)

A mudança no "modo de dizer" dentro da economia do sagrado (Orlandi, 1987) traduz a própria necessidade de adequação aos vários contextos onde se dá a locução, porém de modo que o texto muda, o discurso muda, mas não há mudança na essência da coisa anunciada, isto é, da verdade sobre o plano de Deus em relação ao homem.

Para examinar como se dá essa unidade na diversidade, selecionaremos um corpus que vai do livro do Êxodo (em que Javé impõe ao povo hebreu os Dez Mandamentos, como pedra fundamental da moral e da ética religiosa) até os dias atuais, quando a Igreja prega, através da Campanha da Fraternidade, o mesmo mandamento do amor e da misericórdia, com um discurso adaptado à realidade brasileira. Neste caso, faremos uso de um texto da CF - 1996 com o tema "Fraternidade e Política - Justiça e Paz se abraçarão", adaptado à realidade do ano eleitoral de 1996.

Entre esses dois modos de dizer, analisaremos o cap. 5 do Evangelho segundo São Mateus que apresenta o Discurso - Programa de Jesus Cristo, praticamente um desdobramento da "Lei de Moisés" - a Toráh - que lança os fundamentos de uma

nova abordagem das relações entre o homem e Deus, uma nova doutrina, uma nova mensagem, uma "boa nova" (do grego "euaggélion").

Para os dois textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, iremos contrapor dois textos da história recente da Igreja, a pedagogia dos Bispos Brasileiros (CF - 1996) e um trecho da Encíclica Centesimus Annus com a qual o papa João Paulo II celebrou o centenário da Rerum Novarum, de Leão XIII, o primeiro papa moderno da Igreja, gestor de um pontificado esclarecido, que lançou as bases da doutrina social da Igreja.

Iremos mostrar em nossa dissertação que, apesar dos descaminhos através da história, a Igreja persegue a "pedagogia do amor" porque centra o seu discurso no enunciado básico "amai-vos uns aos outros", o maior de todos os mandamentos.

No **capítulo I**, estudaremos a narrativa do mito, mostrando que o processo de atualização do mito, através do rito, ocorre na esfera da estética da recepção, verificando-se em função do contexto e do destinatário. Veremos que todo discurso religioso é ideológico, persuasivo e pedagógico. Analisaremos a presença do mito em nossos dias, seu poder de comunicação; a força das imagens na transmissão do discurso. Estudaremos a interpretação dos símbolos religiosos a partir da perspectiva atual do imaginário popular. No contexto de nossos dias, como são recebidas as celebrações litúrgicas, as festas populares, as procissões, as 'promessas' etc?

Quando se fala em rito, na "economia do sagrado", o momento máximo é a Eucaristia, consubstanciada no "sacrifício" incruento da Missa, onde o rito atualiza o mito Jesus ao cumprir a determinação que ele fez na última ceia: "Fazei isto em memória de mim". Por isto, a Igreja reza: "Toda vez que se come deste pão, toda vez que se bebe deste vinho, recorda-se a paixão de Jesus Cristo". Assim, a missa católica é a repetição da Santa Ceia em todas as suas etapas, desde a preparação (declaração de fé pelo Credo, lavar as mãos), o sentar-se à mesa, o partilhar o pão e o vinho ("que alimentam e dão coragem") e a bênção de despedida, cena caseira e familiar em que se deseja boa jornada àquele que parte. É um rito que fala de

fraternidade, de comunidade, de amor, de justiça, de caridade. Sobretudo, é um rito que celebra o mito da Ressurreição, porque sem a Ressurreição, a missa poderia ser um culto a um deus qualquer. É Cristo Ressurgido que justifica a Fé e alimenta a Esperança, pois um Cristo Morto só serviria de inspiração aos artistas. O decreto "Presbiterorum Ordinis", nº 6, emitido pelo Concílio Vaticano II, é muito claro a respeito: "Não se edifica nenhuma comunidade cristã se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia". Porque "a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja" (Santo Inácio de Loyola).

Ainda, neste capítulo, estudaremos a origem de algumas tradições que remontam ao período medieval onde a arte se dedicou ao sagrado para reproduzir, em novas cores, a religiosidade, porém num contexto de fé imposta ao homem por uma hierarquia religiosa que detinha a chave do conhecimento colocado como um véu entre o homem e Deus; situação que evolui para uma relação de intermediação mais pessoal, mais direta, em nossos dias, quando a religião se coloca ao lado do homem, pregando a libertação do homem todo, emigrando dos palácios da influência das classes dominantes, para o plano das reivindicações sociais em defesa dos excluídos, dos sem terra, dos índios, das minorias. A fé já não é uma imposição que se faz de cimitarra em punho. É uma experiência de vida, é um compartilhar de fraternidade, é a partilha do pão, da palavra, da justiça. E partilha é Comunicação.

No **capítulo II**, estudando as características do discurso religioso, veremos que a construção do texto, seja ele parabólico ou não, contém elementos de persuasão na sua essência. Trataremos especificamente da persuasão, descrevendo o discurso religioso em seus vários aspectos, enfatizando aqui já não a imagem não-verbal, mas o poder do texto lido ou falado, das construções verbais, dos recursos de retórica pesquisados em Pecheux, Searle, Ducrot e, principalmente, Perelman.

Trabalharemos com a Teoria Retórica de Perelman¹ que distingue dois tipos de argumentação: a **persuasiva** (que se restringe a um auditório particular) e a **convicente** (que se pretende válida universalmente).

A persuasão tem sido objeto de reflexão desde Platão e Aristóteles, passando pelos céticos antigos e pelos sofistas, iniciadores da retórica.

Com a Nova Retórica de Perelman², a persuasão foi recolocada como importante questão filosófica. Esclarece que persuadir não é o mesmo que convencer e adianta que para persuadir é preciso se preocupar com o auditório, o que nos remete à própria estética da recepção e ao horizonte de expectativa do receptor.

Exemplos práticos dos ensinamentos de Perelman podem ser encontrados na obra do maior pregador barroco de todos os tempos, o Pe. Antonio Vieira, notadamente no "Sermão pelo bom sucesso contra os Holandeses", pregado em 1640, em Salvador - BA, ou no ontológico "Sermão da Sexagésima"(Lisboa, 1655).

"Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque não se converte ninguém?", indagava Vieira no Sermão de 1655. E ele mesmo respondia: "Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras."

Os documentos papais, a ação dos bispos, as exortações aos movimentos da Igreja estão todos imbuídos desse elemento essencial da persuasão: o exemplo.

São Paulo ensina que a fé sem obras não vale nada e os antigos filósofos gregos doutrinavam que "as palavras movem, o exemplo arrasta", o que nos remete à questão da coerência entre discurso e ação, portanto da conduta ética visível na coerência do pregador.

Vieira lembra que "palavras sem obras são tiro sem bala; atroam mas não ferem".

Desejamos, portanto, mostrar como a Igreja opera o discurso religioso utilizando-se dos recursos da retórica e dos gestos litúrgicos para falar com palavras, gestos, cores, música, sempre na busca da persuasão.

A Igreja apresenta-se atenta às transformações econômicas e sociais para adaptar o discurso às diversas realidades, mas sem se afastar - pelo menos em nossos dias - da essência evangélica. Portanto, ao ir hoje ao encontro do pobre, a Igreja está apenas colocando em prática todo o discurso contido na vida de Cristo.

Analisado por este ângulo, o discurso religioso, hoje, é uma reelaboração do próprio discurso evangélico em que notamos a permanente preocupação de Cristo com o pobre e o excluído. São inúmeras as passagens bíblicas que atestam essa opção. Vemos Jesus, com frequência, ao lado dos leprosos, dos samaritanos, dos cobradores de impostos, desafiando os fariseus a atirarem a primeira pedra na mulher pecadora... Vemos um Jesus que vem para salvar, resgatar, redimir, não para condenar.

É essa opção preferencial pelos pobres que leva a Igreja a falar a mesma língua dos excluídos hoje, ampliando seu canal de comunicação com esse auditório definido por Perelman como "universal".

É sintomático ver na televisão o Primeiro Ministro inglês, Tony Blair, lendo as palavras de Paulo sobre o louvor à caridade no enterro da princesa Diana.

É impressionante como a partilha do amor e da caridade tem o poder de mitificar pessoas como Madre Tereza de Calcutá, ou Antonio Conselheiro ou Frei Damião, ou Betinho... ou Francisco de Assis (em plena Idade Média).

Quando pratica a linguagem do amor ao próximo, a Igreja atualiza o discurso de Cristo e entra em interação com todos os oprimidos do mundo inteiro, comunicando-se, convencendo, persuadindo, convertendo. É a retórica eloquente da caridade mantendo sempre atual o discurso milenar dos evangelhos. Por isto o Papa João Paulo II reúne multidões de crianças, jovens e adultos onde quer que vá para pregar o amor de Jesus Cristo, como ocorreu recentemente em Paris, Bolonha e no Rio de Janeiro.

O **capítulo III** cuidará das instâncias de recepção (Jauss, 1967) que determinam a produção do texto como condição básica para seu entendimento e, portanto, para que cumpra sua finalidade de persuadir. Como esse discurso teria sido recebido ao longo dos tempos? Sobretudo, como ele é recebido hoje? Como se dá essa releitura na América Latina? Qual a diferença de uma Igreja latifundiária para uma Igreja que acampa na estrada ao lado dos sem-terra? O que mudou? Porque mudou? Como mudou? O que mais pode mudar? Que efeitos causa a mudança entre os mais

conservadores, por exemplo? O que isto significa em matéria de rompimento das tradições passadas de pai para filho? O que significa dizer a um católico de 70 anos que Caim e Abel são metáforas bíblicas como Adão e Eva ou o Dilúvio ou a Travessia do Mar Vermelho.

No **capítulo IV**, através de fragmentos do Discurso Religioso (Antigo e Novo Testamento, Encíclicas e Documentos da CNBB) pretendemos mostrar como as alterações do texto convergem todas para um só escopo: A **persuasão**. O primeiro item do "corpus" é o capítulo 20, versículos 2 a 17 do Êxodo em que Javé prescreve normas de conduta a todo o povo. É um discurso que recorre **à coerção para persuadir** " ... porque eu sou o senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem".

O item dois é o capítulo 5 do Evangelho segundo São Mateus, versículos 3 a 16 e 21 a 48. No Sermão da Montanha, Jesus usa a dialética da recompensa caracterizando profunda mudança ideológica no discurso bíblico: "Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus..." Em seguida, o emissor do discurso define o público ao qual se dirige: "Vós sois o sal da terra ... Vós sois a luz do mundo". Na segunda parte deste item, o "corpus" apresenta o desdobramento do discurso com ênfase na partilha do amor ao apontar para o caminho da perfeição: "Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, digo-vos que não resistais aos que vos fizerem mal..."

No terceiro item, o "corpus" apresenta um trecho da Encíclica "Centesimus Annus" onde a Igreja ensina que a partilha não pode ser meramente teórica. Primeiro deve vir a prática, depois a praxis. E redefine o público alvo da mensagem ao explicar que a pobreza não está apenas na ausência de bens materiais, mas na exclusão social e cultural também, tornando, pois, mais abrangente o Sermão da Montanha. A Encíclica conceitua Justiça como "colocar em comum o que há não o que sobra".

Para mostrar "como" o discurso se adapta aos novos tempos, selecionamos ainda um trecho da Campanha da Fraternidade (1996) anualmente promovida pela

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, onde o "locus" da partilha é a política. Ali é que se deve travar a batalha pela justiça social, ali se deve buscar o bem comum, resultando daí graves responsabilidades para a classe política onde, infelizmente, ocorrem tantos exemplos que contrariam toda e qualquer expectativa neste sentido.

A pesquisa mostrará o discurso religioso partindo de um Deus "ameaçador", "assustador", "todo poderoso" atravessando os tempos, unindo-se com os poderosos, condenando Giordano Bruno, Galilleu etc, depois separando-se do Estado e iniciando um processo de aproximação com o povo, com o trabalhador, com as minorias, procurando agora evangelizar os políticos para que eles liderem a caminhada do povo rumo à justiça social e à paz, ao proclamar: Justiça e Paz se abraçarão.

Pelo exposto, verificamos que há um vasto campo de pesquisa, na área acadêmica, para quem se interessa pelas potencialidades de comunicação contidas no discurso religioso. Talvez, uma pesquisa assim possa ter alguma utilidade para todos aqueles que têm a nobre missão de semear a semente da palavra ou de acender uma luz para colocar sobre a mesa, ou que receberam a função de ser fermento na massa, ou o sal da terra que de nada vale se vier a perder a sua força.

Ao comunicador católico pergunta-se, hoje, porque tantos procuram outras religiões. Talvez porque não querem ser apenas mais um, porque querem sentir-se "pessoas", "indivíduos que contam dentro da Igreja." Quantos não se cansam do sermão monocórdio, enfadonho, repetitivo, artificial, distante? Quantos não acham que o potencial de comunicação do sagrado é rico demais para ser tratado sem expressividade, sem levar em conta a resposta do receptor? Podemos falar das coisas do Reino sem carisma, sem fogo no peito, sem entusiasmo, sem garra? Será que todos os comunicadores cristãos estarão preparados para compreender a expressividade do mito, a força comunicativa dos símbolos, o poder dos gestos, das palavras, das cores, das imagens?

Por mais humilde que seja, alguma reflexão sobre o assunto parece justificar-se neste momento. Pelo menos, para levantar novos debates, para problematizar o tema como propõem os teóricos da Metodologia Científica, por exemplo.

Ademais, o assunto parece oportuno quando, neste final de milênio, vemos as pessoas procurando não apenas ouvir falar em Deus, mas buscando uma experiência mística com Ele.

Só o fenômeno dos carismáticos, que já somam 60 mil grupos no Brasil e estão mudando a "cara" da Igreja no mundo inteiro, já valeria uma abordagem sobre as mudanças ultimamente operadas na comunicação religiosa, pois as pessoas mostram que descobriram finalmente a força da Fé.

A própria Igreja se interessa enormemente pelos meios de comunicação que foram objeto de análise no Concílio Vaticano II, através do Decreto Inter Mirifica, declarando que "pertence aos leigos a tarefa de vivificar estes mesmos instrumentos com um espírito humano e cristão, para que correspondam plenamente à grande esperança da família humana e ao desígnio divino".

Capítulo I

A presença do mito hoje

*Fazer com que a palavra leve
pese como a coisa que diga,
para o que isolá-la de entre
o folhudo em que se perdia.
João Cabral de Melo Neto
("Catecismo de Berceo")*

1. Mito e Comunicação

As múltiplas possibilidades de interpretação dificultam a definição de mito.

Seria "uma forma narrativa que busca explicar de forma própria fenômenos importantes para a sociedade que o cria, adota ou adapta" (Hilário Franco Júnior, 1996)³.

"Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana... Eles servem para nos conduzir a um tipo de consciência que é espiritual", no dizer de Joseph Campbell (1995)⁴, também explicando o mito não como uma sequência de imagens independentes, mas como "um todo significativo, no qual um aspecto particular do mundo real está refletido".

Ernst Cassirer⁵ define o mito como formas simbólicas de expressão. Trata-se de uma intuição, não de uma abstração. O mito difere da arte por ser um ato de fé, seu mundo é um mundo de forças, de ação, e de poderes conflitivos. Para o sentimento mítico e religioso a natureza se torna uma grande sociedade, a sociedade da vida.

O elemento comum a todos os mitos, segundo Eduard Buess, é que todos eles fazem referência ao conhecimento do que não se pode conhecer.

O Dicionário de Mitos Literários, organizado por Pierre Bruneló (1997), registra que "inúmeras explicações antigas do universo e de seu funcionamento concentram-se na exploração dos mitos cosmogônicos... tais mitos são ligados à ciência, ao sagrado e à idéia de uma revelação relativa à formação do mundo."

Henry Frankfort⁷ define o mito como "uma forma de poesia que vai mais além da poesia, pois proclama uma verdade, uma forma de raciocínio que vai mais além do raciocínio ao querer levar a cabo a verdade que proclama; uma forma de ação, de conduta ritual; uma forma de ação que não encontra sua total culminação no ato, mas que há de proclamar e elaborar uma forma poética de verdade."

Acrescenta que o mito não é um pensamento discursivo que opera sobre princípios gerais ou leis aceitas do pensamento e do ser.



Representação mítica da caça como fonte de alimentação e vida?

Também Campbell⁸ destaca a poética do mito ao indagar: "A mitologia poderia ter brotado de alguma outra mente que não a dos artistas? As cavernas-templo do Paleolítico nos dão a resposta". Ele acrescenta que a mitologia é uma imagem poética supranormal, concebida, como toda poesia, em profundidade, mas susceptível de interpretação em vários níveis. Na mitologia das cavernas - templo

está a origem de todas as catedrais e todos os templos que não são meras casas de reunião, mas manifestações do espaço mágico de Deus, segundo Campbell.

Para que alcance seus fins próprios, o mito tem que ser sempre uma representação simbólica da realidade última. Envolve as realidades mais profundas, as coisas pelas quais vivem os homens. É uma realidade vivida. Como consequência, cada religião vital há de ter sua própria mitologia, porque o mito é a linguagem natural da religião, como o ritual é sua dramatização no culto.

Aqui chegamos ao ponto: é através do mito que a religião se comunica ao longo dos séculos, atualizando, transformando e adaptando essa comunicação ao contexto histórico de cada época para se fazer entender.

Continuamente reelaborada a exegese do símbolo, que é o próprio mito, na definição de Jakob Bachofen⁹, nos fala ao longo da história de forma oral, anônima, coletiva. Mas o sentido de um mito não se encontra apenas nele próprio e sim na sua articulação com outros mitos, como já vimos, daí o termo "mitologia" para expressar a significação dos símbolos.

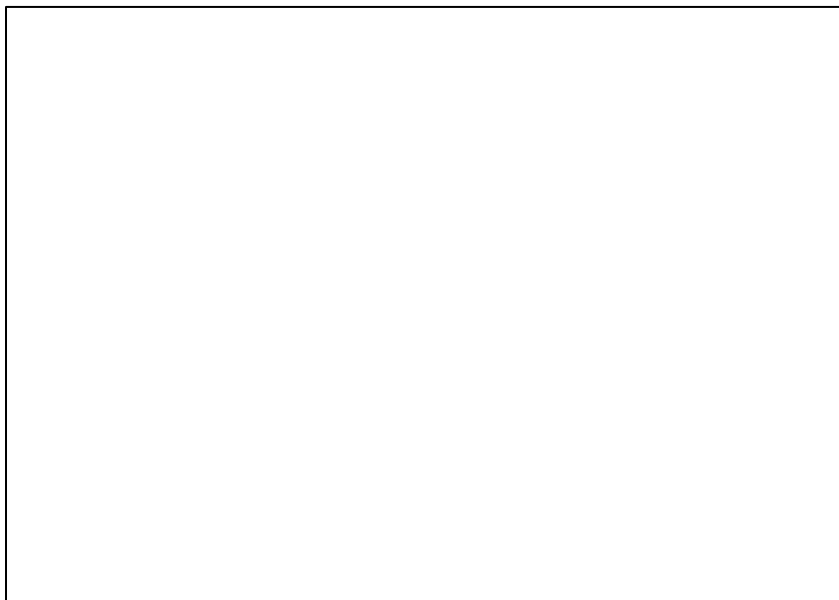
O mito, perpetuado no ritual, é garantia de continuidade daquilo que ele representa. Assim a missa católica é um conjunto de ritos concêntricos que tem seu ponto culminante no rito da partilha do pão, a comunhão, recuperando repetidamente ("do nascer ao pôr do sol") o Mito Jesus. Por sinal, mito, aqui, no melhor sentido do termo, como nos autoriza o já citado Dicionário de Mitos Literários (p. 517), em verbete assinado por André Dabiez:

"Na medida em que o mito pode exprimir a experiência mais profunda da humanidade, falar de mito a propósito de Jesus Cristo não implica nenhuma redução com o propósito de negar (como implicava no século passado) e não envolve absolutamente um pré-julgamento da atitude religiosa de quem quer que seja".



1.1 O Poder da Imagem

Foi na Idade Média que a representação do sagrado atingiu seu ponto máximo através das pinturas dos grandes autores. O discurso imagético era intocável. Era um patrimônio do sagrado, prevendo-se pena de morte para aquele que ousasse modificar as obras sacras, alterar os textos sagrados.



**Cristo em Majestade, afresco da Abside da igreja de São Clemente Tahull,
pelo mestre de Tahull; 1123, Museu de Arte Catalã, Barcelona**

Naturalmente tal limitação não se aplicava ao próprio autor da obra, do contrário Dante não teria criado a Divina Comédia como sátira política e Michelângelo não teria escandalizado os moralistas de seu tempo com os nus do David ou da Capela Sistina.

Segundo Enrico Castelli (Paris, 1971)¹⁰ "A imagem sagrada não pode ser desmistificável da mesma forma como a arte sagrada porque ela não é um mito em si mas um veículo de signos. Fazer distinção entre imagem sagrada e imagem do sagrado é possível e necessário".

Afinal foi a falta de clareza nesse particular que levou a reforma protestante a criticar a "adoração de imagens pelos católicos". Após o Concílio Vaticano II ,(1962-1965) deu-se a retirada das imagens dos altares principais, sendo recuadas para altares secundários nas igrejas, pois o excesso de imagens desviava a atenção do Cristocentrismo.

Tal procedimento tratava de esclarecer, todavia - e esta comunicação não obteve sucesso - que o culto se dava em torno daquilo que a imagem representava e não da imagem em si.

Mais recentemente, em 12 de outubro de 1995, tivemos, no Brasil, o episódio do pastor que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida diante das câmeras de TV.

Insistindo em atuar com o sinal trocado, talvez fingindo ignorar o poder de representação da imagem, o pastor agiu como quem chuta um pedaço de gesso pintado que se compra em qualquer esquina, por alguns reais. Mas a reação que se seguiu fez ver que havia toda uma devoção popular em torno não do gesso, mas daquilo que o pedaço de gesso representava, deduzindo-se daí o poder de

comunicação daquela imagem ou de qualquer outra imagem relacionada com o sagrado.



12/10/95: O pastor Von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus chuta a imagem de N. Srª. Aparecida na Tv Record

Castelli¹¹ vê na arte sagrada "um aspecto da busca da equidade na ordem do sobrenatural; ela transcende a razão na representação do não representável (o sagrado) por descrever em uma profanação sui generis (uma injustiça gráfica) os elementos de uma evocação do divino no mundo do sensível."

Já na Idade Média, inspirados em elementos folclóricos da época, os autores revelaram, em muitos trabalhos, que a imagem é uma expressão plástica não apenas do literário, mas de todo o enquadramento sócio-cultural que engendra o literário, inclusive da oralidade que representava papel fundamental na Idade Média (Hilário F. Jr.). É pela imagem que a Igreja passa o seu discurso no contexto medieval. Porém, para lê-las é preciso partir do ambiente sócio-cultural-psicológico da produção da imagem e procurar interpretá-las com leituras possíveis que ela recebia. Para Hilário F. J. "trata-se de pensar sobre as funções da imagem que não são necessariamente explicadas pelas suas formas. É preciso retirar o véu que recobre o símbolo, isto é, verificar as revelações entre significante e significado",

conduta indicada no episódio do chute na santa para avaliar as conseqüências do caso.

Em nossos dias o papel da imagem como elemento de comunicação continua forte e atuante.

Se as imagens do medievo situaram-se apenas como referência do patrimônio cultural do Renascimento, as várias representações simbólicas do sagrado continuam presentes no imaginário popular, ostentadas em procissões, romarias, celebrações litúrgicas e todo tipo de exteriorização da religiosidade.

A comunicação pela imagem dá-se, principalmente, através da televisão, por sua capacidade de envolvimento direto com o segmento de público "preparado" para a recepção e o entendimento do discurso não-verbal.

É nessa área, por exemplo, que a Igreja Católica tem perdido espaço por ter demorado a aderir aos novos tempos da comunicação instantânea via satélite ou pela Internet. No estúdio de TV ou no sermão de domingo o sacerdote já não pode ser apenas um bom conhecedor da teologia. Ele precisa ser, sobretudo, um comunicador, sem traços de amadorismo. Trata-se de um desafio que se apresenta, hoje, aos seminaristas, futuros comunicadores; anunciadores da palavra, no espaço do sagrado.

O poder da imagem é o poder da comunicação. É um poder que pode ser usado para obter resultados pré-determinados. Assim compreendendo, o milenarismo recorreu às horríveis máscaras demoníacas para anunciar o fim do mundo nos sécs. X e XI.

De outro lado, o terror provocado pela imagem demoníaca teria a função de convencer o católico a se refugiar em Cristo. Na virada do segundo milênio, a técnica se repete, agora com uma tentativa de "humanização" dos monstros horríveis apresentados em filmes ou em programas infantis com vastas doses de "bondade", "coragem" e até "simpatia", como se houvesse interesse em tornar

aceitável, palatável, a falta de estética de tais personagens, o que estaria de acordo com outra seita milenarista, a Nova Era ou "New Age".

A imagem está sempre presente e atuante como poderoso meio de comunicação e de persuasão na esfera do sagrado, quer no iluminismo renascentista, quer no maneirismo barroco, quer no pós-moderno .

A presença do barroco é característica na comunicação do sagrado com seus anjinhos rechonchudos e nus, como na obra "Christus Infans" e a Vaidade do Mundo, de Antonio de Pereda (Église d'Arc-Senans), séc. XVI.



Capítulo II

A Persuasão

*"Se tem espelho e é cego,
uma pessoa não se pode ver
por falta de olhos;
Se tem espelho e olhos, e é de noite,
não se pode ver por falta de luz;
Que é a conversão senão entrar
dentro de si e ver-se a si mesmo?"*

Vieira

Para atingir o ouvinte, segundo Perelman, é preciso que quem fala leve em consideração a complexidade do auditório, que pode ser compreendida não somente pela existência de língua comum entre orador e ouvinte, mas também pelas condições físicas que os ligam. Citando Perelman, Haqira Osakabe (1979)²³ lembra que se o ouvinte é o conjunto daqueles sobre os quais o orador quer influir, pela sua argumentação, é preciso considerar que esse conjunto é uma imagem que o orador cria, segundo seus objetivos. E não se trata de uma imagem simples, pois o quadro no qual se situam orador e ouvinte é o quadro em direção ao qual convergem variáveis psicológicas e sociológicas.

Um outro teórico, bem antes de Perelman, Pe. Antonio Vieira, descreve durante o Sermão pelo Bom Sucesso contra os Holandeses um quadro que certamente não nos comove, hoje, séculos depois. Mas, se levarmos em conta o contexto no qual foi pronunciado, com os holandeses prestes a invadir a capital da Bahia e com toda a propaganda da Corte portuguesa sobre o terror que isto significaria para a Bahia e a

Colônia, veremos que o jesuíta tinha à sua frente a situação propícia para uma retórica de persuasão.

Quanto ao "Sermão da Sexagésima", o texto é uma explicação da doutrina com o objetivo primeiro de comunicar uma informação, seguido imediatamente da intenção de persuadir. Trata-se de um esquema informacional que situa Jesus como referente; o pregador como destinador e o auditório como destinatário.

A preocupação do pregador é destinar adequadamente o conteúdo da mensagem (o evangelho de Jesus Cristo) para obter a adesão do destinatário (o auditório), pois o objetivo do discurso religioso é a conversão pela persuasão.

Já Perelman ensina que para convencer é preciso antes estar convencido, o que exige acurado preparo do pregador sobre o tema, sobre a circunstância e sobre o auditório, pois o discurso deve ser visto como um todo, "compreendendo o que fala e aquele a quem se fala", nas palavras de Osakabe.

Na antiguidade clássica, Aristóteles, em sua Retórica, distingue três elementos que se relacionam no ato do discurso: O caráter do Orador; as disposições onde se situa o ouvinte e aquilo que o discurso pretende demonstrar.

O nível de empatia que o pregador consegue estabelecer com o auditório é diretamente proporcional ao grau de persuasão que pretende alcançar. Daí a necessária "vinculação" ou "comunhão" entre emissor e receptor da mensagem.

Vieira, nas pegadas de Aristóteles, descrevendo as características do bom pregador, insiste na gratuidade das palavras se elas forem vazias, e não vierem acompanhadas de exemplos paralelos ao discurso; porque deve existir coerência entre idéia e ação, uma vez que se "as palavras movem, os exemplos arrastam".

Longe de indicar que as palavras têm importância menor no conjunto do discurso, isto mostra que é preciso usar uma linguagem escorreita, adaptando-a a cada circunstância: O mesmo sermão de domingo, na mesma Igreja, pelo mesmo padre não pode ter o mesmo tom na missa das crianças, ou na missa da juventude ou na missa dos casais.

Teoricamente, tal postura foi estudada por Oswald Ducrot (1987)²⁴ que a chama de pragmática linguística: "O problema fundamental é saber porque é possível servir-se de palavras para exercer uma influência, porque certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia."

Ducrot recorre a um exemplo bíblico para ilustrar seu enunciado: "É o problema do centurião do Evangelho, que se espanta por poder dizer a seu criado "venha", e o criado vem."

Sobre o maior ou menor poder de comunicação da palavra, poderíamos considerar o teor explosivo da palavra "fogo" se pronunciada em altos brados num auditório lotado.

Mas a "pragmática linguística" de Ducrot não se preocupa apenas com o que se faz quando se fala - como a riqueza de gestos, a expressão corporal, a indumentária própria no caso do discurso religioso - mas com o que considera que a fala faz: Le dire est faire. "Utilizando um enunciado interrogativo pretende-se obrigar, pela própria fala, a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, o de responder e, do mesmo modo, pretende-se incitá-lo a agir de uma certa maneira, se se recorre a um imperativo. O ponto importante, a meu ver, é que esta incitação para agir ou esta obrigação de responder são dadas como efeitos da enunciação".

Ducrot cita um outro teórico, Le Guern²⁵ para descrever a persuasão:

"Um dos segredos da persuasão tal como é analisada a partir de Aristóteles é, para o orador, dar de si mesmo uma imagem favorável, imagem que seduzirá o ouvinte e captará sua benevolência... é necessário entender por isto o caráter que o orador atribui a si mesmo pelo modo como exerce sua atividade oratória. Não se trata de afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem, ao contrário, chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação (calorosa ou severa), a escolha das palavras, os argumentos

(o fato de escolher ou de negligenciar tal argumento pode parecer sintomática de tal qualidade ou de tal defeito moral)".

Quanto à questão da coerência entre orador e enunciado, Perelman coloca em termos de ato e pessoa em estado de interação. Cita um texto em que o pregador francês, Bossuet, solicita compreensão para os que pregam a Boa Nova sem o devido preparo (Retóricas, P. 246). "Pregadores corrompidos", indaga-se Bossuet, "poderão trazer a palavra de vida eterna?" E responde, repetindo uma comparação de S. Agostinho:

"A sarça carrega um fruto que não lhe pertence, mas que ainda assim é o fruto da vinha, embora esteja apoiado na sarça... Não desdenheis essa uva, sob o pretexto de que a vedes em meio aos espinhos; não rejeiteis essa doutrina, porque está rodeada de maus costumes: ela não deixa de vir de Deus..."

Mas Perelman ensina:

"A ligação ato-pessoa parece-nos o protótipo de uma série de laços que provocam as mesmas interações e se prestam aos mesmos argumentos: a ligação entre indivíduo e grupo, aquela entre o acontecimento e a época em que sucedeu, e tantas outras ligações de coexistência das quais a mais geral é a do ato com a essência". (Retóricas, P. 247-248)

Perelman define como **pessoa** aquela que

"é considerada como suporte de uma série de qualidades, autor de uma série de atos e de juízos, objeto de uma série de apreciações, é, portanto esse ser duradouro a cuja volta se agrupa toda uma série de fenômenos aos quais ele confere uma coesão e um significado. Mas, por outro lado essa própria pessoa é conhecida

através de seus atos, de suas manifestações, pois existe uma solidariedade profunda entre a idéia que se tem da pessoa e o conhecimento que se tem do conjunto de seus atos. De fato encontramos-nos perante uma constante interação entre o ato e a pessoa". (Retóricas, P. 224)

No conteúdo do discurso religioso encontramos um resumo que define o bom pregador: "Não é má a árvore que dá bons frutos". Ou ainda: "Por vossas obras sereis conhecidos".

Na relação ato-pessoa Perelman entende por **ato** tudo o que pode ser considerado emanção da pessoa: "Serão tanto ações como juízos, modos de expressão, reações emotivas, tiques involuntários", diz. (P.228).

Sempre empenhado em demonstrar como é importante o "bom nome" do pregador para atingir a persuasão, destaca que em nosso meio é muito comum prevermos o futuro de uma pessoa pelo que se sabe dela e de seus atos passados: "Mas é mais curioso constatar que se pode predizer o comportamento das pessoas não se baseando na experiência passada, mas na idéia de uma impossibilidade moral, fornecida por um sistema de crenças, e totalmente paralela à impossibilidade física, fornecida por um sistema científico". (P.230)

Perelman ilustra o caso com esta citação de Pascal:

"Há muita diferença entre não ser a favor de Jesus Cristo e dizê-lo e não ser a favor de Jesus Cristo e fingir sê-lo. Uns podem fazer milagres, não os outros: pois fica claro, de uns, que estão contra a verdade, não dos outros, e assim os milagres ficam mais claros. A quem fosse inimigo encoberto, Deus não permitiria que fizesse milagres abertamente. Os milagres diabólicos são possíveis, porque não enganam ninguém; não é possível, em contrapartida, que Deus permita aos inimigos ocultos de Jesus Cristo enganar os fiéis através de milagres". (P.231).

Segundo Perelman "Embora o caráter do auditório seja primordial na argumentação retórica, a opinião que esse auditório tem do orador desempenha um papel de igual importância. É impossível à argumentação retórica escapar à interação entre opinião que o auditório tem da pessoa do orador e aquela que tem dos juízos e argumentos deste." (P. 74).

1. Características do Discurso Religioso

Para estudar o discurso religioso é preciso analisar as características de sua produção.

Já nos referimos aos sermões de Vieira. O sermão (ou homilia) é o lugar característico do discurso religioso na economia do sagrado. O púlpito da Idade Média, na imponência dos capitéis esculpidos, situado em lugar alto para suprir a inexistência dos sistemas eletrônicos de som, dá bem a idéia da "autoridade" com que a Igreja fala de seus dogmas e de sua ideologia, através dos sermões, muitos deles verdadeiras peças de retórica e persuasão.

Para Raquel Setzer²⁶ "o sermão é, como qualquer forma de discurso, percebido como uma forma social de apropriação da linguagem, na qual o sujeito do enunciado tem a ilusão de estar na origem do que foi dito, mas é interpretado pela ideologia. Assim, se pode verificar historicamente a ideologia das relações entre a Igreja, o missionário e o povo".

No âmbito do discurso religioso, especificamente, o sujeito do enunciado é o próprio Deus ("É Deus que faz em vós o querer e o fazer"- Flp 2,13)", aqui situado como referente do enunciado, cabendo ao pregador a função de Destinador da mensagem sagrada. Lastreado na Fé, o Destinatário (que Perelman chama de Auditório) é o receptor desse discurso apodítico em que o pregador parte de um axioma incontestável em matéria de Fé, para todos os crentes. A preocupação primeira desse discurso, nos primórdios da Igreja, é demonstrar que Jesus é verdadeiramente

Filho de Deus. É uma demonstração que não entra em conflito com o processo de verificação pela Fé.

É mais complicado quando a Igreja prega sobre Ética e Moral, área em que nem todos os crentes aceitam sem objetar, principalmente em nossos dias. A presença do papa João Paulo II no Rio, de 2 a 5 de outubro último, para encerrar o II Encontro Mundial com a Família, serviu como pano de fundo para a Igreja pregar contra o projeto do governo que autoriza o Sistema Único de Saúde- SUS a realizar operações de aborto em situações onde a mãe corre risco de vida ou tenha sido vítima de estupro. De tão polêmico o tema gerou comentário raivoso da Primeira Dama, Ruth Cardoso, no dia da chegada do Papa: "A relação do papa com o Congresso brasileiro é igual a zero".



Terceira visita do Papa ao Brasil: 2-5/10/1997

O Papa também pregou contra o divórcio e foi vivamente aclamado por mais de cem mil pessoas que lotaram o Maracanã. Mas é fato que os católicos, embora embevecidos com a amável presença do Papa, continuam regendo por conta própria as questões relacionadas com este e outros assuntos da intimidade sexual, como o uso de preservativos para prevenção da Aids, os anticoncepcionais para adaptar o número de filhos ao orçamento de cada lar etc. É inegável, entretanto, que a mensagem do Papa, baseada nos ensinamentos do Evangelho, dará frutos no momento adequado, constituindo, sua visita, um reforço para uma Igreja que vinha se defrontando com o desânimo e mesmo com a deserção de fiéis.

Em épocas mais remotas o sermão de domingo era suficiente para definir padrões de comportamento para todos os fiéis, através de um discurso religioso do tipo dominador que só se abriu ao diálogo ecumênico no Concílio Vaticano II. Para Habermas "as instituições sociais dominantes são afins dos padrões neuróticos de comportamento, já que enrijecem a vida humana em um conjunto compulsivo de normas, e, assim, bloqueiam o caminho da auto-reflexão crítica²⁷", como era comum na igreja medieval, antes do racionalismo iluminista.

Veremos mais, a este respeito, no próximo capítulo, sobre a recepção.

Sobre a questão ideológica, citada por Rachel Setzer, que permeia o discurso religioso, Terry Eagleton (p. 19-20) recorre a Jon Elster²⁸ para esclarecer que

"as ideologias dominantes podem moldar ativamente as necessidades e os desejos daqueles a quem elas submetem; mas devem também comprometer-se, de maneira significativa, com as necessidades e desejos que as pessoas já têm, captar esperanças e carências genuínas, reinflecti-las em seu idioma próprio e específico e retorná-las a seus sujeitos de modo a converterem-se em ideologias plausíveis e atraentes".

Para Eagleton, para terem êxito, as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências, devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser rejeitada.

Observando por este aspecto, o Papa disse no encontro do Rio:

"Através da família toda a existência humana é orientada para o futuro. Nela o homem vem ao mundo, cresce e amadurece. A família é também o primeiro e fundamental ambiente onde cada homem distingue e realiza a própria vocação humana e cristã".

Naturalmente o Papa argumentou para persuadir os casais a se manterem fiéis ao casamento em respeito a si próprios e aos filhos, se quiserem cumprir a mensagem do Evangelho.

E como se dirigiu aos jovens?

"Deus vos ama loucamente. Ele deseja a vossa felicidade, mas quer que saibais conjugar sempre a fidelidade com a felicidade, pois não pode haver uma sem a outra. Não deixeis que a mentalidade hedonista, a ambição e o egoísmo entrem em vossos lares. Sede generosos com Deus".

O Papa se expressou num contexto "paralinguístico" - ou não verbal - em que sua imagem física e seu carisma pessoal revelaram acentuada coerência com o contexto do casamento no Brasil e no mundo, como provam as estatísticas.

E certamente o fez por acreditar que o esgotamento do materialismo histórico e a frustração do consumismo hedonista prenunciam um novo perfil existencial para o homem. Quatro séculos depois que o Iluminismo acreditou ser possível substituir o Deus-Transcendente pela Deusa-Razão, a nostalgia de Deus - como no mito do eterno retorno - domina o mundo contemporâneo. O terceiro milênio promete ser um período de resgate do verdadeiro humanismo. O Papa aposta na capacidade transformadora de uma Igreja que, embora deva se adaptar aos diferentes povos e culturas, não pode renunciar aos traços essenciais de sua fisionomia milenar.

Condenando a ideologia do prazer a qualquer custo o Papa se põe em sintonia com esse auditório universal (na visão de Perelman) que busca, no mundo inteiro, um sentido para a vida.

Feitas as devidas mudanças de hierarquia e de aparato físico, o sermão do Papa para dois milhões de pessoas no aterro do Flamengo (onde entrou em comunhão com o povo ao repetir o refrão "Se Deus é brasileiro, o Papa é carioca" e depois, já com a voz debilitada, usou a bengala, girando-a no ar como fazia Carlitos para comunicar sua alegria e contentamento, numa lição prática de comunicação não-

verbal) ou o sermão do padre humilde na igreja do sertão, têm o mesmo objetivo: ajudar as pessoas a encontrar um sentido para a vida.

No entanto, o discurso religioso traz em si, ao menos no âmbito do catolicismo, outra característica que reforça sua função ideológica. São duas formações discursivas antagônicas, assim descritas por Rachel Setzer:

"Por um lado há uma legitimação das normas tradicionais, com as marcas típicas do discurso religioso. A estrutura rígida das posições relativas dos interlocutores, os dogmas sagrados, como a Fé em Deus, são intocáveis. Tudo isto dá uma aparência estática, cristalizada, logo, "mais compreensível" da realidade: tudo continua igual e a ordem social pode ser mantida. Por outro lado, há um processo de mudança aparente na exploração de novos sentidos e na reintegração dos conteúdos: os postulados podem mudar e a ordem social também. Um discurso que justapõe essas duas formações discursivas antagônicas cria, segundo o que pensamos, mais conflitos e contradições do que efetivamente ajuda no processo de mudança". (P. 101)

Estamos falando de Teologia Tradicional e Teologia da Libertação, tema que discutiremos melhor no tópico a seguir.

2. A Força da Palavra Bíblica

Na Bíblia temos, também, duas formações discursivas antagônicas. Ambas operam no sentido de persuadir o povo a andar nos caminhos do Senhor, porém com retóricas diferentes. É analisando o processo produtivo e receptivo dessas formas discursivas que chegaremos ao eixo da comunicação. Ambas apresentam uma parentética fortemente persuasiva: ou age para captar seguidores ou para manter.

O antagonismo de linguagem estabelece um confronto linguístico entre trechos do Antigo Testamento e do Novo Testamento. À terminologia coerciva do Gênesis e do

Êxodo que nos apresentam um Deus guerreiro e tonitroante, contrapõe-se, no Novo Testamento, o discurso manso e pacífico de Jesus, pregando o amor e a paz, caminhando com os andarilhos, curando os leprosos, aproximando-se das prostitutas, ceando com cobradores de impostos, cercado-se de humildes pescadores e a todos os humildes anunciando: "Vosso é o Reino dos Céus".

Se queremos estudar as técnicas de comunicação que se adequam à transmissão do Discurso Religioso, é imperativo discutir antes que tipo de mensagem queremos transmitir. Isto nos leva a pesquisar a palavra bíblica que, na expressividade de sua polissemia, resiste aos séculos como o livro mais editado do mundo, sendo a fonte de toda comunicação religiosa, uma comunicação que evolui do anátema ao diálogo.

Segundo Strabelli (1990)²⁹ "A Bíblia começou a ser escrita a partir do século IX antes de Cristo. E o último livro da Bíblia a ser escrito foi o livro da Sabedoria, aí pelo ano 50 antes de Cristo". Cita Carlos Mesters³⁰ para dizer que "a Bíblia é resultado final de longa caminhada, fruto da ação de Deus que quer o bem dos homens, e do esforço dos homens que querem conhecer e praticar a vontade de Deus. Ou seja, a Bíblia é o fruto de mutirão prolongado do povo".

Em Rm 1,19-20, o apóstolo Paulo diz que as coisas criadas são o modo de falar de Deus. Strabelli acrescenta que "Deus é pessoa e pessoa se comunica. A comunicação de Deus é a criação. Tudo o que foi criado é linguagem de Deus. Deus continua criando e conservando o cosmo. Ou seja: Deus continua falando para nós através das coisas e das pessoas". P.12.

Com 73 livros, a Bíblia nasceu com a experiência de Abraão e se desenvolveu com a história do Povo de Deus, principalmente com a experiência do Êxodo (Strabelli). Mas nem tudo na Bíblia é história. Muitos relatos têm finalidade essencialmente teológica. Por isso, para entender a Bíblia é preciso estudar o contexto de produção de cada texto. Por muitos séculos o Livro-dos-Livros foi aceito ao pé da letra, sem questionamentos. Mas hoje sabemos, pelos avanços da ciência e pelas pesquisas em linguística - por exemplo - que a narração sobre as origens do mundo e do homem não é relato único e exclusivo do povo hebreu. Tal tipo de relato, ensina

Strabeli, faz parte dos escritos religiosos de muitos povos inseridos no contexto cultural do Antigo Oriente. Tais escritos usam forma literária específica comum, onde entram o simbolismo, as imagens, as concepções populares, a intenção do autor, a cultura do tempo etc.

É nesse contexto que se descobre a origem do "descanso" de Deus no sétimo dia da criação, conforme Gn 1,1-2,3. A narrativa da criação aparece duas vezes na Bíblia, a primeira em Gn 1,1-2-4a, escrita pelos sacerdotes, e a segunda em Gn 2,4b-25, escrita por gente do povo. Segundo Strabeli, no tempo do escriba Esdras (séc. IV a.C.) essas duas narrações foram reunidas numa só, formando a atual (Ne 8). A finalidade específica do texto é sustentar a fé do povo, dar sentido à vida, dar esperança de retorno.

Por que "esperança de retorno"? Porque nessa época (587-539 a.C.) o povo hebreu estava exilado em Babilônia, diante de muitos ídolos e sofrendo pressão para abandonar a própria fé e aderir ao deus Marduc, o deus da Babilônia. A dúvida dos hebreus estava posta nos seguintes termos: Quem é mais poderoso: Marduc, da Babilônia vencedora, ou Javé, o Deus libertador de um povo vencido? Que libertação era essa? Os sacerdotes partem de um princípio: Israel recebeu as promessas de Deus em Abrão e com os patriarcas e tem a herança do passado. Se está agora exilado, é porque se esqueceu de Deus. Se voltar para Deus e permanecer fiel a ele, tudo será reconstruído: haverá nação, rei, templo e sacerdote, pois o povo é e será sempre a **herança do senhor** (Sl 16,5;28,9;47,4;78,7;10,16 etc). Em seguida os sacerdotes ensinam que para manter a fidelidade a Deus o povo deve evitar o culto dos ídolos, voltando ao culto verdadeiro. Como celebrar o culto, porém, e participar da vida religiosa se não há templo?

Strabeli conclui a exegese esclarecendo que o termo "descanso" não denota "repouso físico" de Deus. Trata-se de um recurso literário para traduzir uma verdade teológica: a observância integral do sábado como Dia do Senhor e como meio de unir o povo e manter a fé. Portanto, a intenção não foi científica, nem quiseram os sacerdotes afirmar que o mundo foi feito em seis dias de 24 horas e nem em seis

períodos de tempo. A intenção era fundamentar o sétimo dia como dia de descanso e culto.

São muitos os exemplos bíblicos em que o texto apresenta uma intertextualidade que fala por si. Ao comunicador compete examinar, estudar, pesquisar a riquíssima bibliografia hoje disponível para passar a mensagem de forma adequada aos questionamentos de nosso tempo. No exemplo citado a persuasão se dá através do modo de narrar e não apenas através dos fatos narrados que incluem toda a genealogia do homem e da natureza.

Mas esta é uma tentativa de dissertar sobre a comunicação no discurso religioso, e não sobre teologia. Por isto, vamos examinar as formas de linguagem do Antigo e do Novo Testamento para chegarmos ao nosso objetivo.

Dissemos que o A.T. apresenta uma linguagem vertical, que busca a persuasão através da coerção e da intimidação. Os exemplos são múltiplos.

Ao punir o pecado de Adão e Eva que acaba de descobrir, Deus condena a serpente, a mulher e o homem numa explosão de fúria, surgindo então o primeiro grande poema da Bíblia conforme Jack Miles (1997)³¹:

Então o Senhor disse à serpente:

*"Visto que isso fizeste,
Maldita és entre todos os animais domésticos
e o és entre todos os animais selváticos
Rastejarás sobre o teu ventre
e comerás o pó
Todos os dias da tua vida.
Porei inimizade
entre ti e a mulher,
entre a tua descendência e o seu descendente.
Este te ferirá a cabeça*

e tu lhe ferirás o calcanhar."

E à mulher disse:

*"Multiplicarei sobre modo
os sofrimentos da tua gravidez,
em meio a dores darás à luz filhos;
o teu desejo será para o teu marido
e ele te governará".*

E a Adão disse: "Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses":

*"Maldita é a terra por tua causa:
em fadiga obterás dela o sustento
durante todos os dias de tua vida.
Ela produzirá também cardos e abrolhos,
e tu comerás a erva do campo.
No suor do rosto
comerás o teu pão,
até que tornes à terra
pois dela foste formado:
Porque tu és pó
e ao pó tornarás". (Gn 3: 9-14)*

Outra explosão retórica é o que vemos logo depois, na condenação de Caim por ter matado seu irmão Abel ("Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra cuja boca se abriu para receber de

tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares o solo não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra").

A punição de Caim é uma intensificação da punição de Adão.

Raramente falando do amor humano ("Jacó amava Raquel", 29-18) e nunca do amor divino, os redatores do Gênesis prosseguem apresentando-nos um Deus todo poderoso que se arrepende de ter criado o homem por causa da sua infidelidade: "Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus, porque me arrependo de os haver feito". (Gn 6:7). É feita uma exceção a Noé.

Na benção de Deus a Abraão já está contida a forma como se daria a tomada da terra prometida (Canaã) através da destruição dos povos ali existentes, à custa de muito sangue e violência (Op. cit., P. 63-64):

"Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei", diz o senhor a Abraão em Ur dos Caldeus por volta do ano 2.000 a.C.:

de ti farei uma grande nação,

e te abençoarei,

e te engrandecerei o nome.

Sê tu uma benção:

Abençoarei os que abençoares;

em ti serão benditas

todas as famílias da terra.

Os pecadores de Sodoma e Gomorra são punidos por Deus com a destruição de suas cidades. A intenção do texto é mostrar que o destino das nações está nas mãos do Senhor. Surgem em seguida as sete pragas do Egito como punição ao Faraó que se recusa a permitir o êxodo dos escravos hebreus. É a história de José, Moisés e Josué. A Bíblia passa para um discurso mais elaborado, com apresentações poéticas, legais e proféticas de Deus, segundo Jack Miles. (Op. cit., P.111)

Mesmo assim as circunstâncias da entrega das Tábuas da Lei a Moisés, no Sinai, são revestidas de uma grandiloquência sem par, convenientemente realçadas no clássico de Cecil B. De Milles **Os Dez Mandamentos**.

"O Senhor revela-se a Israel numa exibição espetacular e terrível de efeitos vulcânicos e meteorológicos (19:1-25). Tendo-se tornado assim maximamente assustador, ele fornece o imortal Decálogo e um conjunto de regras comumente chamado de Livro da Aliança (20:1:23-33), seguidos de uma promessa de vitória em Canaã e instruções para o tratamento dos vencidos (23:20-33). O povo submete-se então a um ritual de sangue em submissão às leis do Senhor (24:1-14)".

Em Ex. 15:26 há um alerta sombrio que diz claramente: "Observem minhas leis, senão enviarei pragas como as que enviei aos egípcios". É a "pragmática da persuasão", a dialética do poder, que Jack Miles define como "teofania do Sinai":

"Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombetas, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do Arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte".

Miles comenta: "Alguns acham que o poder literário da Bíblia repousa, em parte, nas incongruências e nas transições súbitas, que forçam o leitor ou ouvinte a encontrar um sentido pessoal no contexto".

Esta é uma dessas passagens, claramente. (P.139)

Ainda no Sinai (Êxodo, 23) o Senhor descreve como irá varrer de Canaã os habitantes nativos para dar lugar ao povo eleito:

"Enviarei o meu terror diante de ti confundindo a todo o povo aonde entrares, farei que todos os teus inimigos te voltem as costas. Também enviarei vespas diante de ti, que lancem fora os heveus, os canaeus e os heteus, de diante de ti".

Como o texto poderia ser mais fortemente persuasivo se ora contém ameaças, ora demonstrações de poder, ora promessas tão caras para um povo nômade do deserto?

Outra característica do A.T. que se contrapõe frontalmente com o N.T. é o sacrifício cruento, com derramamento do sangue de animais e que no N.T. corresponde ao sacrifício incruento (sem derramamento de sangue) da missa. Baseado no cap. 29, do livro do Êxodo, Miles descreve o ritual de ordenação de Arão e de seus filhos, futuros sacerdotes:

"Um touro é abatido na entrada da tenda de reunião, parte de seu sangue é esfregada nos cantos do altar, o resto é despejado na base. Em seguida um carneiro é abatido e seu sangue jogado sobre o altar. Outro carneiro é morto e seu sangue esfragado em partes do corpo dos homens, além de ser misturado a óleo e aspergido em suas roupas. No climax os ordenandos seguram os rins cheios de sangue, as caudas gordas e outras partes dos corpos dos carneiros, além de outras oferendas rituais. Todo o ritual é lavado em sangue". (P.142)

Mas o autor assinala que "o sacrifício de animais caracterizava um imenso número de sociedades, embora não seja um universo cultural: Dentro da história de Israel, desempenhou um pequeno papel, depois um papel maior, e mais tarde nenhum papel". (P.142)

O que Miles considera é o terror que o sangue infunde em qualquer circunstância.

Para persuadir Israel a respeitar a aliança, "o Senhor estende sua bondade à milésima geração" e visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração".

No N.T. Jesus explicará que o pai era tão duro no A.T. por causa da "dura cerviz de vossos pais".

Miles conclui que "o Deus apresentado no Livro do Êxodo era um Deus assustador". (P.154)

Nos livros seguintes, agora que Deus habita no tabernáculo da arca da Aliança, no meio do povo, a linguagem é mais amena. No "levítico" o tom é suave. Em "Números", está a bênção misericordiosa (6:6-24):

O Senhor te abençoe e te guarde;

*O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti,
e tenha misericórdia de ti;*

*O Senhor sobre ti levante o seu rosto
e te dê a paz.*

O ex-jesuíta Jack Miles, membro do corpo editorial do Los Angeles Times, inquire e responde: "Qual é o tom da Bíblia? O tom varia, é claro; mas com impressionante freqüência o tom é de irritabilidade, de denúncia, de queixa raivosa".

As queixas do povo são mais repetidas no "Deuteronômio": "Até quando me provocará este povo, e até quando não crerão em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio deles?" protesta o Senhor a Moisés.

Mas, o que pede o Senhor no Antigo Testamento, Amor ou Medo? Segundo Miles "uma resposta fácil é que exige ambos, mas de fato trata-se essencialmente de palavras alternativas para a mesma atitude. A crítica histórica afirmou isso enfatizando que o amor em questão não é a emoção espontânea, interpessoal, mas o amor da aliança. Amar o Senhor teu Deus "com todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" significa meramente empenhar todos os esforços em permanecer fiel aos termos da Aliança". (P.169).

A primeira vez em que Deus é citado no A. T. como amigo dos oprimidos contra o poder dos militarmente fortes só ocorre nos primeiros capítulos de Samuel. É a prece de Ana:

*O arco dos fortes é quebrado,
porém os débeis cingidos de força.
Os que antes eram fartos hoje se alugam por pão,
mas os que andavam famintos
não sofrem mais fome;
Até a estéril tem sete filhos,
e a que tinha muitos filhos perde o vigor.
O Senhor é o que tira a vida, e a dá;
faz descer à sepultura, e faz subir.
O Senhor empobrece e enriquece;
abaixa e também exalta.
Levanta o pobre do pó,
e desde o monturo exalta o necessitado,
para o fazer assentar entre os príncipes,
para o fazer herdar o trono da glória;
porque do Senhor são as colunas da terra,
e assentou sobre elas o mundo. (2:4-8)*

Com os profetas o texto bíblico ganha uma visão crítica da sociedade. Anuncia-se um novo tempo. "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz", anuncia Isaías. O Reino Messiânico começará quando do tronco de Jessé (pai de Davi) sair um rebento. Então "o lobo habitará com o cordeiro e o leopardo se deitará junto ao cabrito". É o reino da paz. "Eis que estenderei sobre ela [Jerusalém] a paz como um rio, e a glória das nações como uma torrente que transborda", afirma Isaías.

No final do A. T. no Livro de Jó, tenta-se novamente a persuasão através da força, do castigo, da punição. Mas no N.T. tudo é diferente. Diferente a ponto de Jesus Cristo se apresentar como o oposto do Pai Assustador revelado no Êxodo. Sua fala é enérgica, porém cheia de amor como o Sermão da Montanha: "Bem Aventurados os pobres porque deles é o Reino dos Céus".

Longe da orgia de sangue das origens bíblicas, Jesus manda partilhar o pão da caridade, do amor, da fraternidade, o pão da palavra ("Fazei isto em memória de mim").

Contra a vingança, prega o perdão ("Se você estiver diante do altar para fazer uma oferta e se lembrar que seu irmão tem algo contra você, largue tudo, vai primeiro reconciliar-se com seu irmão").

O discurso do N.T. tem mais relação com a oração de Ana em I Samuel do que com os tonitroantes livros do Gênesis, Êxodos etc. É um discurso a favor dos pobres e dos excluídos.

Cristo nasce pobre entre os pobres, numa mangedoura, entre pastores.

Roger Garaudy (1993)³² questiona: "Qual a semelhança entre o Reino de Davi e o Reino de Deus, anunciado e preparado por Jesus? Que necessidade tem Jesus dessa descendência real para cumprir sua missão?"

Para C.H. Dodd³³ "a messianidade era associada ao papel político e militar do "Filho de Davi". Desempenhar tal papel era a última coisa que Jesus desejava. A Pilatos Cristo respondeu: "Meu reino não é deste mundo", como já tinha se dirigido à multidão que exigia um reino diferente. "Se alguém quer me seguir, que renuncie a si mesmo" (Lc 7,34). Garaudy observa que o "Filho do homem", ao contrário do Filho de Davi, não é um conquistador, mas um servo, não apenas "que padece" (como em Isaías 53,12-53, que o evocou com tanta beleza) mas que é "rejeitado". (P. 63).

Jesus não ditou leis, ele invocou o amor. Ele não enumera os pecadores que não entrarão no Reino de Deus, pelo contrário, condena os que assim fazem ao frequentar os pecadores e declarar: "publicanos e meretrizes vos precederão no Reino de Deus" (Mt 21,31). Na cruz, disse: "Pai, nenhum se perdeu", dando conta de sua missão de amor entre os homens.

Diante de tudo isto, é normal indagar qual mensagem o comunicador deseja transmitir nos dias de hoje? A mensagem coerciva dos primeiros livros do A. T. ou a mensagem do Amor pregada por Jesus?

Será que todos os pregadores estão conscientes desse dilema? Qual a mensagem que o povo espera ouvir hoje, no alvorecer do terceiro milênio? O antagonismo entre Teologia Tradicional e Teologia da Libertação estabelece conflito na linha de argumentação do pregador católico.

Estudaremos esta questão no cap. III, na atualização da leitura que integra a estética da recepção.

Capítulo III

A recepção do Discurso

*"Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
Sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!*

Cecília Meireles (Romance LIII ou das palavras aéreas)

Ao criticar a história recente da Literatura, Hans Robert Jauss, da Escola de Constança, na Alemanha, afirma que nem a Teoria Literária Marxista (a qual procurava demonstrar o sentido da literatura como retrato da realidade social), nem a escola formalista (que compreendia a literatura como uma sucessão de sistemas estético-formais sem relação com o processo geral da história) reconhece o verdadeiro papel do leitor. Jauss propõem então, que a história da literatura deve levar em conta as instâncias de recepção do texto. Segundo ele uma obra é lida porque é compreendida, portanto tem sentido para uma época, para um grupo social. Superando a clássica separação entre história da literatura e estética, Jauss entende a permanência de uma obra através do tempo em função da atuação do público sobre essa obra e não em função dela mesma, por valores eternos e imutáveis contidos na obra. A estética da recepção, assim colocada, concebe o texto como objeto histórico.

A proposta de Jauss é especialmente interessante porque o fator público desempenhava um papel extremamente limitado nas duas teorias que vigoravam até o séc. XIX. A escola marxista trata o leitor do mesmo modo como trata o autor, procurando reconhecê-lo em sua classe social. A escola formalista utiliza a noção de leitor apenas como sujeito da recepção, cabendo-lhe desvendar o texto através do enfrentamento, o que exigiria conhecimentos de filologia.

Criticando as duas escolas por não entenderem o verdadeiro papel do receptor, Jauss³⁴ cita Walther Bulst para dizer que "texto algum jamais foi escrito para ser lido e interpretado filologicamente por filólogos" e ele mesmo acrescenta, referindo-se à escola marxista: "... ou historicamente por historiadores", uma vez que "a escola marxista iguala a experiência espontânea do leitor ao interesse científico do materialismo histórico, que deseja desvendar na obra literária as relações entre a superestrutura e a base.... Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem primordialmente, a obra literária visa"...

A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encenar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética" (Op. cit., P. 23)

Prosseguindo no exame da teoria estética da recepção veremos porque algumas obras têm sucesso fugaz e outras resistem através do tempo, com sucessivas e intermináveis reedições em todas as línguas. Para Jauss pertencem à esfera da arte culinária ou ligeira aquelas obras que não exigem do receptor qualquer mudança em seu horizonte de expectativa (resultante do seu conhecimento acumulado), bastando-lhe aceitar os modismos ou experiências corriqueiras lançados ao gosto dominante no momento do aparecimento dessa obra. Por outro lado, segundo Jauss, há obras que, no momento de sua publicação, não podem ser relacionadas a nenhum público específico, mas rompem tão completamente o horizonte conhecido de expectativas literárias que seu público somente começa a formar-se aos poucos. Esta é uma obra-prima, de sentido eterno, porque nela conhecemos e reconhecemos as coisas e nós mesmos.

Na "Teoria da Literatura"³⁵ o professor Victor Manuel estabelece o grau zero de recepção para aquelas obras que apresentam um texto progressivamente negligenciado e esquecido pelos leitores e que, por isso mesmo, perde a energia de interação na escrita e na leitura de outros textos, volvendo-se gradual e inexoravelmente num texto morto ou, pelo menos, num texto letárgico e estéril no devir do sistema literário, embora possa emergir fugazmente de tal letargia mediante leituras inscritas no âmbito da história, da erudição e da "arqueologia" literárias.

Essa "letargia" do texto também é considerada na Tese de Livre Docência da professora-doutora Nelyse Aparecida Melro Salzedas (1983)³⁶:

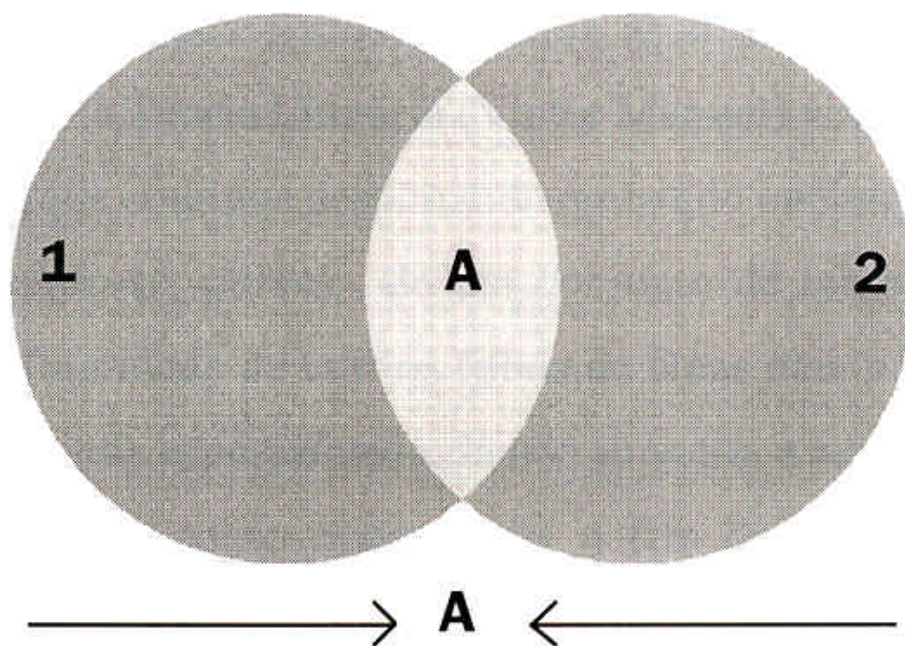
"O texto escrito não deve permanecer inerte, preso aos sinais gráficos e às linhas pelas quais eles deslizam; deve libertar-se, movimentar-se, falar, enfim viver. E é pelo leitor, pela sua intuição e acuidade crítica que ele respira, se levanta e diz. Leitor e texto se completam, se consubstanciam a partir do momento em que aquele é também um demiurgo. O ludismo de referencialidades e de conotações infinitas possibilita a 'poiesis' e a demiurgia".

Quando um texto ou um conjunto de textos atravessa séculos, milênios, e se mantém atual - vivo, interessante - é necessário que passe por atualizações filológicas para manter bom nível de recepção. A este respeito, diz o professor Victor Manuel:

"O fluir do tempo histórico, provocando transformações, ruptura e depredações no âmbito dos sistemas semióticos, origina

poderosas fontes de ruído que perturbam e reduzem a legibilidade dos textos. Em relações aos textos literários nessas condições, cabe à filologia reconstruir os códigos que os emissores utilizaram na sua produção e que regulam, por conseguinte, a sua estruturação, de modo a preservar a dimensão histórica da semiose literária e a evitar a ocorrência de duas situações extremas: o bloqueamento da comunicação por ilegibilidade ou legibilidade muito escassa do texto e a dissolução anarquizante do processo comunicativo derivada de leituras arbitrariamente impostas pelos receptores às estruturas textuais".
(Op. cit., P.316)

Adaptado ao código lingüístico do receptor, o texto será entendido e assimilado na exata medida em que seu horizonte de produção puder se sobrepor ao horizonte do leitor. O grau de interpenetração desses horizontes varia, naturalmente, caso a caso. O leitor mais preparado sobre determinado assunto entenderá melhor e com mais segurança o texto que lhe é apresentado. O autor mais contextualizado com a realidade histórica que o cerca produzirá um texto mais assimilável pelo leitor. A explicação do professor Victor poderia ser representada, graficamente, do seguinte modo para esclarecer a interseção que ocorre no ato de leitura entre texto e leitor:



1 - Horizonte do texto

2 - Horizonte do leitor

A - Área de Interseção

Aos estudantes, Platão & Fiorin (1995)³⁷ ensinam que "a percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais... Quanto

mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões."

Discutindo a argumentação, Platão & Fiorin afirmam que "Quando se lê um texto nota-se que, em princípio quem o produziu está interessado em convencer o leitor de alguma coisa. Todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e lingüística". (Op. cit., P. 173)

Já vimos, ao longo desta dissertação sobre o discurso religioso, que a Bíblia é a principal fonte para todos aqueles que lidam com a esfera do sagrado no âmbito do cristianismo, especificamente do catolicismo.

Como literatura, a Bíblia é o livro mais antigo e mais editado em todas as línguas, no mundo inteiro. Como "verdade revelada", aos olhos da fé, a Bíblia é referência de vida para milhões de pessoas, até acima de denominações religiosas.

Aplicando aos livros sagrados as observações da Teoria da Recepção (Jauss) ou da Teoria Literária (Victor Manuel) veremos que a Bíblia é uma obra eterna porque continua despertando renovado interesse de seus leitores.

Tratando-se, porém, de um conjunto de texto tão antigo e tão específico em sua finalidade de unir os filhos de Deus pela palavra, a recepção da Bíblia carece de ajuda especializada. Já não se aceita a narrativa bíblica ao pé da letra e sem debates como ocorreu até o fim da Idade Média. Com o Renascimento dos sécs. XV e XVI (que pregava o retorno aos clássicos gregos) e o Iluminismo do séc. XVIII (que cultuava a deusa-Razão) sobretudo com os avanços tecnológicos dos séc. XIX e XX que permitiram à ciência estudar importantes documentos bíblicos como os descobertos em uma caverna próximo ao mar Morto em 1950, além de poder analisar comparativamente fatos históricos, objetos e relatos dos tempos bíblicos, o entendimento da Bíblia ganhou novo alcance.

O homem de nossos tempos procura uma resposta para a sua vida no estudo da Bíblia e nos rituais religiosos, porém com mais espírito crítico, com uma visão de

mundo ampliada pelo conhecimento. É natural que o pregador da palavra bíblica deve se aprofundar tanto no estudo do contexto histórico de cada livro sagrado, como na observação da realidade atual, de modo a transpor o discurso milenar para a realidade coeva.

A isto se chama atualizar a leitura, como veremos a seguir.

1. Atualização da leitura

Deve o comunicador optar pela visão tradicionalista da religião, mais de acordo com o Antigo Testamento, ou deve reler, com o próprio Cristo, o discurso da Toráh? Deve aludir a Cristo como Filho de Davi, o Messias enviado pelo Deus dos Exércitos, o Guerreiro Exterminador de Canaã, que vinga a maldade dos pais nos filhos até à quinta geração ou deve pregar Jesus crucificado, amigo dos pobres e excluídos, censor dos poderosos deste mundo, anátema dos Doutores da Lei por ele classificados de "sepulcros caiados"?

Quem vai comunicar, como quem sai para semear a palavra - a exemplo do que ensina Vieira no Sermão da Sexagésima ("Ecce exiit qui seminat, seminare") - deve estar preparado para estes e outros embates da consciência, onde preponderará a oposição entre pares de opostos como temporal/espiritual, corpo/alma, estado/Igreja, política/religião. O comunicador deve ter em mente aquilo que o povo quer, não para mudar a essência do discurso religioso ou muito menos os dogmas da Igreja, mas para falar a linguagem do povo hoje. O próprio Cristo se nos apresenta como o maior de todos os mestres na hora de se comunicar, pois não recorria aos púlpitos majestosos, nem a grandes pompas. Falava com o povo ao seu redor, com as sandalhas empoeiradas e o corpo suado, falava com histórias simples (parábolas) que o povo reconhecia com facilidade por serem representações de sua vida diária. Jesus usava muitas expressões e palavras normalmente empregadas no cotidiano das famílias, suas metáforas são todas de fácil reconhecimento. Com

freqüência cita o sal como símbolo do espírito profético que deve animar os cristãos (porque era o sal que impedia, naquela época, a deterioração de muitos alimentos) ou da palavra de Deus que deve mudar a vida das pessoas como o sal que dá sabor aos alimentos; ora compara o reino de Deus a um grão de mostarda; ora a uma medida de fermento que a dona de casa usa para fazer crescer a massa do pão; ora critica os doutores da lei que obrigam o povo a pagar impostos sobre o cominho e a hortelã enquanto trazem o coração cheio de ódio, de corrupção, de vaidades, de prepotência e de todo pecado.

Se Cristo ensinou a comunicar assim, porque o comunicador de hoje não usaria representações do mundo atual para adaptar e ampliar a recepção de seu discurso?

O que significa falar a fala do povo hoje? Paradoxo, que seja em nosso tempo cibernético, certamente significará retomar a vida e a obra de Francisco de Assis nos sécs. XI e XII, em plena Idade Média.

A Bíblia está na raiz da conversão do jovem Francisco que abandona uma vida rica para ser "um pobre de Cristo", iniciando assim uma "pregação de vida" (e não só de palavras) para "reconstruir" a Igreja que, naquela época, estava afastada de Deus porque tinha se distanciado dos pequenos e vivia com e como os poderosos. Nessa época os mosteiros eram cidadelas isoladas, onde os padres tinham suas posses e até mesmo escravos. Adotando a pobreza como lema de vida, vivendo radicalmente o Evangelho, embora sem fazer distinção entre o Antigo e Novo Testamento, Francisco pregou para todo mundo, até para o Papa e para os cardeais; pôs o dedo na ferida da Igreja, interpelou, mas sem criar animosidade, conflitos, cisões e excomunhões... Ele falou mais com o exemplo de sua Ordem da Penitência do que com palavras e confrontos. Mas só depois do encontro com o leproso é que iniciou seu processo de conversão. Depois de mudar de vida, depois de se deixar

persuadir e impregnar radicalmente pelo Evangelho é que ele começou a pregar aos outros." (1993)38



Cena de "Francisco, Arauto de Deus", de Roberto Rossellini. Foto: David Seymor

Nos meios eletrônicos (no cinema, na televisão, no rádio, no computador) a Igreja tem diante de si todo um espaço para a sua mensagem. Mas cada veículo exige um tratamento adequado da mensagem para que ela possa ser recebida e assimilada pelo "auditório universal" descrito por Perelman.

São Francisco diz que foi Deus mesmo quem lhe revelou que ele devia viver segundo o Santo Evangelho que diz "se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres"(Mt 19,21) ou "não levem nada pelo caminho" (Lc 9,3) e ainda "se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo" (Lc 9,3). Para Francisco Deus nos fala o tempo todo através dos acontecimentos, das pessoas e da natureza. O cântico ao Irmão Sol tem este sentido de louvor e da "imersão da criatura em Deus":

*"Louvado sejas, meu senhor,
por todas as tuas criaturas
que no céu formaste
Por nossa irmã e mãe terra...
pela irmã água, a qual é
muito útil e preciosa e casta.
Louvai e bendizei a meu senhor
e rendei-lhe graças
Por nossa irmã e mãe terra,
que vos alimenta e governa
e produz variados frutos
e coloridas flores e ervas.
Louvado sejas, meu senhor,
pelo irmão Sol,
pela irmã Lua e as estrelas
Louvado sejas, meu senhor,
por todas as tuas criaturas
Louvado sejas, meu senhor,
por aqueles que perdoam pelo teu amor."*

Para Strabeli "O Cântico do Irmão Sol expressa primeiramente mais uma experiência íntima, espiritual, do que uma cosmologia. Essa experiência é a fraternidade entre os homens e os elementos cósmicos, é experiência da reconciliação do homem consigo mesmo e sua abertura ao ser que é plenitude". (Op. cit., P.19)

O maior mal que o homem pode cometer é desrespeitar seu semelhante, é não amar. "O desamor corrói a criação, desequilibra, mata o próprio homem... provoca a guerra que é divisão, e não homogeneidade, como na criação", diz o teólogo

franciscano. (Op. cit., P. 20) Segundo ele, na hermenêutica de São Francisco o texto é lido no seu contexto. Assim o Antigo Testamento é visto como promessa e figura do Novo. Cristo está presente no A. T. como promessa de salvação, a antiga aliança é figura da Nova. A Lei estava "grávida de Cristo", vai dizer Santo Agostinho. São Francisco cita sempre os dois testamentos, de forma global e íntegra, pois os dois testamentos são inseparáveis." (Op. cit., P. 36)

Para São Francisco a Escritura não é um livro para ser conhecido. É uma mensagem para ser vivida. Como toda a Escritura converge para Jesus Cristo, Francisco faz uma leitura essencialmente cristológica da Bíblia e diz: "Não necessito de mais nada: conheço Cristo pobre e crucificado".

Assim a encarnação de Jesus tem, na Cristologia de São Francisco, segundo Strabeli, a finalidade de revelar o profundo amor de Deus pelo homem: Jesus se encarna não para redimir o homem, mas para manifestar visivelmente o Pai. Sua morte foi consequência desse gesto de amor.

Com a encarnação, Deus divinizou o homem e com isso se fez nosso irmão e companheiro. ("Emanuel = Deus conosco"- Mt 1,23). A encarnação é, para São Francisco, a irrupção de Deus na História; Deus se insere em nossa história para nos ensinar a sermos fraternos e livres. (Op. cit., P. 41)

O que fez Jesus senão pregar o amor, o perdão, a fraternidade subvertendo o sistema egoísta então vigente? Por isto foi crucificado.

São Francisco, o poeta idealizador da vida simples, foi o inventor do presépio que montou pela primeira vez numa gruta de Grecio no Natal de 1223. Sua mensagem, politicamente correta a favor dos excluídos, do amor entre todos os homens e em defesa da ecologia, chega forte e atual aos nossos dias, neste fim de milênio, 800 anos após a sua morte 04/10/1226, como uma ponte que interliga o modo de vida simples ("eles tinham tudo em comum") dos apóstolos e dos primeiros discípulos aos agitados dias de hoje, passando sobre a Idade Média e nos religando com a vida simples, humilde e pobre do Filho de Deus.

O egoísmo denunciado por Jesus há dois mil anos e novamente denunciado por Francisco, há 800 anos, teria acabado? Pelo contrário, antes de Francisco, já no séc. IX, o feudalismo surgido da desintegração do império romano, com a invasão dos bárbaros, já submetia os camponeses à servidão do Senhor Feudal. No séc. XIV, com a prática da usura e do comércio, muitos burgueses e banqueiros acumularam capitais e passaram a investir na produção com operários assalariados. No séc. XVI surge o mercado mundial, com os descobrimentos marítimos e inicia-se outro ciclo igualmente injusto do ponto de vista sócio-econômico: o capitalismo, movido unicamente pelo lucro, resultando em graves injustiças sociais pela má distribuição da renda.

Nos séc. XVIII e XIX, com a ampliação do mercado de trabalho, do volume de dinheiro e do mercado de consumo, surge a Revolução Industrial ampliando a produção das manufaturas, especialmente na Inglaterra.

No final do século acentuou-se a tendência à concentração da renda acumulada através de cartéis, trustes e monopólios, resultando na formação de gigantescas empresas multinacionais.

Com o fracasso da tentativa socialista de inspiração atéia - como ateu era o positivismo capitalista nascido do Iluminismo - de melhorar as condições sociais do homem através da distribuição justa dos bens produzidos, o capitalismo ampliou seus tentáculos mundiais transformando enormes regiões do globo em mercados integrados conforme os interesses macro-econômicos das mega-empresas, passando por cima dos interesses e das culturas regionais (ou nacionais), agora sob a bandeira do chamado Neo-Liberalismo.

Pode existir Amor, Fraternidade, Perdão, Paz onde impera a concorrência desenfreada desde os níveis individuais (disputa entre as pessoas por vagas de emprego, posições sociais etc.) até os níveis internacionais ou, já não entre as nações ricas e pobres, mas entre os mercados onde somas inimagináveis de trilhões de dólares podem migrar de uma região para outra do globo bastando apertar uma tecla de computador e levando a miséria, o desemprego e a fome para milhões de

peças do país de onde o capital saiu para ser investido em local mais vantajoso, com mão de obra mais barata, com menos impostos, onde dê mais lucros?

Essa corrida louca pelo dinheiro e pelo poder não está levando os homens ao desespero? Eles teriam para onde apelar senão para o próprio Senhor Deus dos Desgraçados de que falou Castro Alves contra o tráfico dos navios negreiros? Não é o espaço do sagrado o lugar para este homem inseguro, humilhado, revoltado e desesperançado do fim do milênio ter, finalmente, o seu encontro com Deus não no sentido de "separar a alma do corpo", na expressão do historiador Eric Hobsbawn, crítico severo deste século de guerras e chacinas com seus 300 milhões de seres humanos vitimados pelas máquinas de morte do capitalismo e do comunismo, mas no sentido de ter, realmente, uma experiência com Deus?

Não é missão do comunicador católico estar sensível para o modo como esse público espera receber o discurso religioso? Esse discurso de esperança não haveria de ser como um lenitivo para as feridas da alma?

Mas qual deve ser a mensagem? Trata-se da mensagem escatológica que persuade pelo medo da punição ou da mensagem do perdão e da fraternidade ensinada por Cristo e por Francisco?

Como mudar e melhorar o mundo sem converter as estruturas materialistas que trafegam longe de Deus para matar seus filhos?

Na América Latina o discurso esboçado para reagir às injustiças sociais que contextuam a realidade humana, hoje como há mil anos, é a teologia da libertação.

Embora desagradando a setores tradicionalistas da Igreja - setores para os quais talvez fosse preciso voltar a pregar o evangelho radical como fez Francisco para o papa Inocêncio III e os cardeais - a TL é uma visão especialmente humana sobre as condições de vida dos povos latino-americanos que tanto já sofreram pela depredação praticada pelos países mais ricos desde os descobrimentos marítimos.

A conclusão é que o mecanismo da competição é perverso porque embora a ideologia das classes dominantes propale que todos são iguais - ficando implícito

que só não se enriquece quem não quer ou não é abençoado por Deus - na verdade todos sabemos que não é assim nem entre os indivíduos, nem entre as nações, nem entre as etnias. A realidade mostra um empobrecimento crescente dos mais pobres e um enriquecimento desenfreado dos mais ricos. Isto porque a lógica da acumulação não respeita barreiras éticas, morais, religiosas ou quaisquer outras. A globalização apenas maximiza esse potencial mortífero do capitalismo neo-liberal.

Visto isto, não é difícil explicar a corrida do homem em busca de alguma força sobrenatural situada acima dessa lógica maquiavélica do mercado. Essa busca quase desesperada por milagres, aparições, curas milagrosas, promessas, procissões, penitências que beiram o fanatismo, culto popular a expressões regionais como padre Cícero ou Frei Damião, devocionismos etc. quando não a própria evasão do catolicismo na direção dos cultos afro-brasileiros ou pentecostais em busca de "sensações mais fortes" quanto à "experiência com Deus" é sintoma deste final dos tempos como no milenarismo do séc. X.

Buscam-se hoje, desesperadamente, um Deus-presente, um Deus-tocável, um Deus forte, como pediam os Hebreus no Antigo Testamento ou os Judeus no tempo da dominação Romana.

O homem quer se livrar de algozes tão cruéis hoje como eram o cativeiro do Egito, o cativeiro de Babilônia ou a dominação romana. Os fantasmas que povoam a alma humana no final do milênio são a fome (quase 1 milhão de desnutridos no mundo), a pobreza (1 bilhão de pobres), a criança abandonada (13 milhões morrem por ano antes dos 5 anos), a falta de postos de trabalho (120 milhões estão desempregados) a miséria (60% da América Latina) a falta de assistência médica e tantos outros fantasmas que apavoram o ser humano, num mundo onde "o homem é lobo do homem", segundo Hobbes.



Campo de refugiados civis no Sudão: Crianças subnutridas esperam por distribuição de alimentos

Pobreza absoluta castiga 1,3 bilhão

Miséria Globalizada: Relatório da ONU mostra que 22,8% da população mundial sobrevivem com menos de um dólar por dia

Cerca de 1,3 bilhão de pessoas vivem com menos de um dólar por dia, apesar do crescimento da riqueza mundial, afirma estudo do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) divulgado ontem em Genebra, por ocasião do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza.

O número de pobres cresce cerca de 25 milhões por ano, e aproximadamente um quarto da população mundial vive na pobreza, segundo o PNUD. Esse cálculo de pobreza é baseado em definição do Banco Mundial e da ONU sobre pobreza absoluta: as pessoas que vivem com até US\$ 370 por ano.

Dados das Nações Unidas sugerem que, a cada minuto, o mundo ganha mais 47 pobres.

A agência da ONU afirma que 840 milhões de pessoas, entre elas 160 milhões de crianças, estão subnutridas. Cerca de 1 bilhão de pessoas são analfabetas e um número ainda maior não tem acesso a água potável.

"Se o número de ricos dobrou em 50 anos, o de pobres triplicou", afirma o PNUD.

Em 1947, o planeta tinha uma população de cerca de 2,3 bilhões de pessoas, e o número de pobres (400 milhões) correspondia a 17,4% da população. Em 1997, 1,3 bilhão de pobres correspondem a 22,8% da população mundial (cerca de 5,7 bilhões).

O diretor do programa, James Gustave Speth, estima que um investimento anual de 1% da renda mundial, durante 20 anos, melhoraria a vida de várias centenas de milhões de pessoas.

"Proporcionar acesso universal a serviços de saúde, água potável, educação e planejamento familiar só demandaria um custo anual adicional de US\$ 40 bilhões", explicou Speth.

Outros US\$ 40 bilhões seriam necessários para que as famílias mais desfavorecidas deixassem o estado de pobreza, segundo Speth.

O montante final, de US\$ 80 bilhões, "não chega a 0,5% da renda mundial anual, o que torna a eliminação da pobreza uma proposta razoável", diz Speth.

"O fato de termos agora condições de superar a pobreza nos obriga moralmente a fazê-lo sem demora. A riqueza mundial (que corresponderia à soma dos PIBs nacionais) é da ordem de US\$ 25 trilhões e não pára de aumentar", afirmou o coordenador do PNUD.

As desigualdades entre os países, assim como dentro deles, alcançam proporções sem precedentes, acrescentou. A parcela da receita mundial que cabe a 20% dos indivíduos mais pobres da humanidade é de apenas 1,1%.

A parte do comércio mundial dos 50 países menos desenvolvidos, onde vivem 10% da população mundial, caiu pela metade em 20 anos, ficando em 0,3%.

Nos países da Europa Oriental e da ex-URSS, as pessoas vivendo na pobreza passaram de 4 milhões em 1987 para 120 milhões na atualidade, o que representa um quarto da população da região, diz o PNUD.

Entretanto, lembra o estudo, se realizaram enormes progressos em meio século: a riqueza mundial cresceu sete vezes, e mais de 75% da população têm agora acesso aos serviços essenciais.

Desde 1960, a mortalidade infantil nos países em desenvolvimento caiu mais de 50%. A incidência da subnutrição teve queda de 30%.

Em 20 anos, a China e outros 14 países, que representam 1,6 bilhão de pessoas, diminuíram em 50% a parcela da população vivendo abaixo do nível de pobreza.

** Matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo na última*

sexta-feira, 17 de outubro de 1997.

É um cenário que preocupa e leva à reflexão.

Não constituímos uma natureza inerte, formada por objetos dos quais temos apenas que tomar posse como queria o racionalismo de Descartes, confundindo homem e natureza apenas como meios de acumular capital. Somos pessoas, somos sujeitos, com vida e sentimento.

Não basta a frieza marmórea e cruel do "penso, logo existo", é preciso o calor fraterno do "sinto, logo existo".

Bonhoffer dizia que "ser para os outros é a única experiência da transcendência".

No contexto de nossos dias não há espaço para a divisão entre as religiões se é nelas que está a esperança de uma intermediação entre o homem e Deus.

Continuar brigando e se dividindo é trair a confiança do povo e os ensinamentos do próprio Cristo.

Francisco Catão e Magno Vilela encerram assim sua destacada obra sobre "O Monopólio do Sagrado" (Op. cit., P. 359):

"As religiões são chamadas a se entender como religiões e a colaborar na busca da verdade, na luta pela justiça na prática da solidariedade, por cima de todas as distinções confessionais, culturais, étnicas ou quaisquer outras que se possa imaginar. Devem colaborar até mesmo na oração, numa busca de Deus no fundo do coração, para que homens e mulheres de todas as nações, raças e latitudes, aprendam a viver em paz, fraternalmente, como filhos de Deus".

O Papa João Paulo II deu exemplo dessa tolerância ecumênica ao aludir, na visita ao Rio, à importância das presenças indígena e africana em nossa cultura, sendo muito mais lógico, hoje, aceitar as expressões do rito afro-brasileiro, até mesmo admitindo representações nas liturgias católicas mais solenes - como ocorre na Bahia - que condenar esses irmãos ao fogo eterno, como se não pertencesse a Deus, e não a nós, esse julgamento. Hoje é cada vez mais frequente usar ritmos e alegorias mundanas, como o próprio samba, para enriquecer e dar nova dimensão à liturgia católica. Se no passado o cristianismo - e até antes, na época dos patriarcas

- usou e transformou mitos pagãos para transmitir o discurso religioso, a fé num Deus único e verdadeiro, porque não incorporar os símbolos de nosso tempo, as imagens de nossa época - tão ricas, expressivas e variadas - para ampliar o alcance e o poder de persuasão do discurso religioso? Porque não tratar as celebrações com todos os recursos que a coreografia, a cultura popular e a participação ativa da assembléia proporciona?

Ainda olhando para este século, Roger Garaudy (Op. cit., P. 150) afirma que "um homem alienado por um trabalho robotizado, pelos "divertimentos" padronizados, pela tetanização do espetáculo, televisado ou não, das artes do não-sentido e das falsas vidas, este homem alienado, castrado de suas dimensões, da opção crítica e do projeto, do amor, do poder de criar, de inventar o futuro, este homem exposto ao fetichismo tecnocrático, à idolatria do mercado, ao ópio do não-sentido, só consegue ter uma concepção alienada da fé, seja para negá-la, seja para transformá-la em devoção beata".

Se o pregador da palavra atualizada, hoje, tem dúvidas, deve meditar sobre este conceito de Roger Garaudy: "Não basta substituir Constantino³⁹ por Che Guevara. Não basta dizer que Deus é libertador. "Deus" é um apelo à minha própria superação. Não tem sentido dizer a um acorrentado "Deus o liberta", se não faço nada para romper essas correntes. Não tem sentido dizer "Deus te ama", se nada é feito por aquele que pretende dar seu testemunho, para mudar aquela situação".

Para achar o fio do discurso que interessa a nossos tempos, para levar a mensagem que o público espera receber, devemos refletir ainda com Garaudy: "O Deus de que precisamos hoje não é o das teologias da dominação, que não cessam de reinar desde Constantino. O Deus de que precisamos, em um mundo onde o monoteísmo do mercado opõe um punhado de ricos a uma multidão de famintos, é o Deus que revelou Jesus: Um Deus cuja transcendência não se exprime através do poder, como o Zeus soberano dos gregos ou o Deus dos exércitos dos judeus, mas onde o divino se revela através do mais fraco e do mais pobre". (Op. cit., P. 44)

O pregador iniciante talvez pensará duas vezes antes de afrontar as estruturas como Francisco de Assis que se deixou impregnar das palavras do Cristo:

"Mostrar-vos-ei a quem deveis temer: Temei aquele que tem o poder de lançar todos no inferno. Não se vendem dois pardais por duas moedas? E, no entanto, nem um só deles passa despercebido diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois vós tendes mais valor do que numerosos pardais" (Lc 12, 5-7).

Como a Igreja opera o seu discurso hoje? Como ela contextualiza a palavra sagrada inculturando o discurso nas diferentes realidades culturais, econômicas e sociais?

Para responder a estas indagações, pesquisaremos a seguir o "fio condutor" em quatro textos extraídos do Livro do Êxodo, do Evangelho de S. Mateus, da Encíclica *Centesimus Anus* e da Campanha da Fraternidade - 1996.

Capítulo IV

Atualização de Textos Bíblicos e Eclesiásticos

"O injusto conquista lucro enganoso.

Quem pratica a justiça busca a vida;

quem segue o mal caminha para

a morte".

Provérbios (11, 18-19)

Nos quatro textos aqui apresentados está sempre explícita a noção de amor e respeito ao próximo através da coerência entre palavra e ato. No Antigo Testamento - devido à rusticidade do povo, como explica o próprio Jesus - Deus dita as normas para uma vida feliz e ameaça com severa punição, dentro do cenário que alguns chamam de "teofania do Sinai", tal a impressionante grandiosidade do ambiente que cercou a entrega das tábuas da lei a Moisés (os Dez Mandamentos). Era uma época de pouca cultura, em que as etnias viam sentido em adorar um pedaço de barro, de pedra ou de madeira como "deus". É bem verdade que até meados do séc. XII alguns povos nórdicos ainda acreditavam em deuses pagãos. Mas o culto ao monoteísmo do Deus Verdadeiro ganhou corpo com a pregação evangélica, no Novo Testamento, por todo o mundo.

No Discurso-Programa de Jesus, um dos textos mais bonitos do Novo Testamento (Marx disse que adotaria o Sermão da Montanha), Jesus lança os fundamentos de um Mundo Novo. Aos Judeus revoltados com a dominação romana, ele prega a paz,

o perdão, o amor, a misericórdia, mostrando que a verdadeira força do homem não está nas armas, no dinheiro, no poder político, mas na sua capacidade de relacionar-se com Deus, concretamente, através do serviço aos irmãos. Ele ensina aos comunicadores do Reino como proceder para convencer e persuadir o povo sobre os novos valores da Fé.

Da mesma forma, a Encíclica Centesimus Annus (1º.05.1991), celebrando os cem anos da Rerum Novarum, proclamada por Leão XIII em 15.05.1891, vem lembrar os primeiros tempos quando os cristãos partilhavam seus bens com os pobres, dando exemplos práticos de amor e de fraternidade. Ressalta que amar é ser justo e alerta que a Globalização não deveria ser instrumento de aniquilamento das nacionalidades, mas uma oportunidade de crescimento para os países pobres, onde há miséria, fome e desemprego. Destaca a presença de Deus na História para julgar a conduta dos homens.

Finalmente a C.F. de 1996 ensina que amar o próximo é instruí-lo, é conscientizá-lo, é incentivá-lo a não se omitir, a participar das instâncias de decisão política que influenciam a vida do povo. Instrução, comunicação significam partilhar a palavra como Cristo que se revelou aos discípulos de Emaús no ato de partilhar o pão: Cristão é aquele que partilha, que participa, que se abre para o irmão, fraternalmente: "Por vossas obras os conhecerão!"

Pode-se observar, claramente, nestes quatro trechos escolhidos ao acaso dentro do discurso religioso que, apesar dos séculos que separam um do outro, todos têm em comum a mesma mensagem do "amor ao próximo", do "respeito aos irmãos". É a pregação que se vê do Livro do Êxodo até à Campanha da Fraternidade. É essa unidade que dá sentido ao discurso, muito embora eventuais desvios que afastaram a Igreja de sua missão junto aos excluídos durante algum tempo. Mas a própria Igreja, membro do corpo místico que tem em Cristo a sua cabeça, reconhece-se "santa e pecadora", abrindo-se diariamente à conversão e ao encontro do Ressuscitado.

Pregar o amor ao próximo é a missão. Porém o que dá sentido à vida é dar exemplos práticos de amor e respeito ao próximo. Isto significa ir ao encontro do irmão, vendo nele a imagem e a semelhança do próprio Cristo: "Cada vez que fizestes isso a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes". (Mt 25,40)

1. Ex. 20,2-17

No Livro do Êxodo o contexto situa-se na caminhada do povo pelo deserto - durante 40 anos - após ser libertado por Moisés do cativeiro do Faraó. É um povo acostumado à convivência com povos pagãos, com seus deuses e seus rituais. Facilmente o povo volta-se para a idolatria e Deus se aborrece com essa infidelidade. É um povo que precisa de regras, normas, leis, afinal todo um ordenamento ético e jurídico.

O recurso que Javé usa como retórica de persuasão é uma tecitura de promessas e sanções alternadas. Se não adorar outros deuses, se for fiel ao Deus Único e Verdadeiro, o povo será abençoado até à milésima geração. Mas, se for infiel, se tiver outros deuses, Javé vingará a iniquidade dos pais nos filhos até a quarta geração. Em seguida Javé prescreve as normas de conduta mandando respeitar o dia de culto a Deus (o sétimo dia), respeitar pai e mãe, respeitar a vida ("não matarás"), respeitar o cônjuge ("não cometerás adultério"), respeitar os bens alheios ("não furtarás"), respeitar a integridade moral das pessoas ("não dirás falso testemunho"), respeitar a mulher e os bens do próximo, numa reiteração contra a cobiça, a inveja e o furto. É um código moral, uma conduta de vida destinado a dar um rumo, uma diretriz, um sentido à própria vida do povo eleito. Os Dez Mandamentos continuam tão atuais como há quatro mil anos, e seu descumprimento é causa de ruína e condenação para muitos, em nossos tempos. Isto porque hoje, se o culto aos deuses da natureza vem a ser apenas um esoterismo da New Age, o culto aos ídolos de nossos dias é um hábito freqüente em todos nós: são os ídolos do poder, do dinheiro, do status, da vaidade, da ganância, do orgulho, da esperteza, da desonestidade, da permissividade, da violência, das drogas, da prostituição, da corrupção política etc. Do culto a tantos ídolos certamente resultam os males, e a violência de nosso século.

2. Mt 5, 3 - 16 . 21 - 48

O contexto em que Jesus prega o Sermão da Montanha é o de um mundo judeu humilhado pela dominação romana. Aos que nele pretendiam ver o Messias Libertador, o Filho do Rei Davi com seu gládio poderoso, o pobrezinho de Nazaré - mil e duzentos anos depois tão fielmente imitado pelo "poverello de Assis"- não apresenta o discurso teofânico e apodídico do Sinai. Faz promessas, mas não faz ameaças. Não se dirige aos proprietários nem aos poderosos. Também não prega apenas o respeito, mas o amor, o perdão. E declara bem aventurados os pobres, os pacíficos, os que choram, os injustiçados, os perseguidos, os injuriados, os caluniados. Falando no meio do povo simples, sem pompa nem púlpitos, Ele não vai em busca dos sábios e dos doutores da lei, pelo contrário, execra-os de público por sua corrupção e falsidade ("sepulcros caiados", "cegos guiando cegos"), nasce numa gruta entre pastores, cerca-se de pescadores, procura os excluídos e marginalizados de seu tempo: cegos, doentes, prostitutas, cobradores de impostos...

Sabendo que ninguém persuade sem estar persuadido ele não se limita a pregar aos discípulos, mas trata de definí-los como formadores de opinião, como profetas do mundo novo, como comunicadores da palavra. Uma palavra que deve ser firme, vigorosa, segura e continuada como o sal que não para mais quando começa a salgar; como a luz que existe para ser vista, para alumiar, não para ficar escondida. Esse trecho do Sermão da Montanha pode ser visto como um sinal de bênção para todo aquele que se dispõe a ceder sua inteligência, seus braços, seus pés, seu tempo e tudo o que tem para pregar o Evangelho. É o mandamento dos comunicadores cristãos, mais tarde reforçado pelo "ide e ensinai a todos os povos". Mas a palavra sem obras não vale nada por isto ele destaca a coerência do exemplo de vida ("ato e pessoa", define Perelman): "Que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus").

Os versículos 21-48 desse Discurso Programa narrado tão inspiradamente por Mateus, constituem um verdadeiro desdobramento da Lei antiga. Podemos ver melhor através do seguinte esquema:

Antigo testamento

- 1 - Não matar
- 2 - Não praticar adultério
- 3 - É permitido o desquite
- 4 - Só jurar em nome de Deus
- 5 - Olho por olho
- 6 - Dente por Dente
- 7 - Amar o próximo e aborrecer-se com os inimigos

Novo testamento

- 1 - *Amar, perdoar, reconciliar-se*
 - 2 - *Não assediar/ não importunar/ não "paquerar" a mulher do próximo*
 - 3 - *Deve-se respeitar o que Deus uniu*
 - 4 - *Não jurar jamais*
 - 5 - *Jamais se vingar, dar a outra face,*
 - 6 - *Sequer desejar mal ao irmão*
 - 7 - *Amar os inimigos, aos que odeiam,*
- porque nisto está a perfeição*

3. Encíclica Centesimus Annus (J. Paulo II, 1º/05/1991)

A Centesimus Annus está contextualizada no mundo socialmente injusto do capitalismo selvagem, desenfreado, voraz, ganancioso, concentrador de lucros a qualquer custo,

até mesmo à custa da vida alheia, da humilhação dos povos, do empobrecimento das nações.

Embora cometa pecados históricos por se afastar, às vezes, dos mais necessitados para estar com os ricos e poderosos - como em tantos exemplos ao longo dos séculos - a Igreja tem feito muito pelos pobres. Mesmo na Idade Média impulsionou a cultura e guardou o acervo dos antigos clássicos. Disseminou a ética e a moral entre os povos, levou o Evangelho para todo o mundo. Muitos missionários foram martirizados a serviço da Fé. A Igreja abriu asilos de idosos, Santas Casas de Misericórdia, Instituições de Amparo à criança, aos jovens, aos exilados do mundo inteiro. Sua obra é incomparável e supera de muito as eventuais falhas.

Na Encíclica, o Papa prega a partilha dos bens que denota fraternidade, respeito ao ser humano, amor ao próximo. Que vem a ser, hoje, a partilha dos primeiros cristãos senão a justiça social mediante a equânime distribuição da renda mundial?

Buscando o excluído, o pobre, o despossuído, o doente, o desempregado, o jovem ansioso por um mundo melhor, a Igreja está colocando em prática a sua Fé. O Papa insiste que primeiro é preciso dar exemplo, depois pregar a palavra. Explica que optar pelos pobres, não significa estabelecer divisões de classes mas olhar o homem como um todo, em sua dimensão de pessoa, pois ser pobre não é apenas não ter bens materiais, é não ter paz de espírito, não ter cultura, não ter bom senso, não ter espírito de justiça. Há pessoas financeiramente muito ricas mas espiritualmente muito pobres por não conseguirem se abrir para os irmãos.

A Encíclica também ensina que amar é ser justo. Não é dar o supérfluo, mas o essencial. Também os países ricos devem pensar no bem comum da humanidade, principalmente quando se fala em globalização.

O Papa exorta a Igreja a não desanimar diante dos problemas do mundo, aparentemente insuperáveis. Lembra que Deus está presente na história. O crente deve pedir à Divina Providência que ilumine os poderosos para que respeitem os mais fracos e que pratiquem a justiça social, fugindo do egoísmo e do ódio que

destrói e aniquila o homem ao provocar guerras, extermínios, miséria, fome, desemprego etc.



4. Campanha da Fraternidade - CNBB - 1996

O ano eleitoral de 1996 estabelece o contexto para a CF "Fraternidade e Política". Aqui temos o discurso atual da Igreja, muito mais identificado com as necessidades do povo que o discurso da antiga Lei. A CF define a Páscoa como celebração da misericórdia e também insiste em que a fé sem obras não basta: é preciso influir na política elegendo candidatos cristãos, comprometidos com o povo, dispostos a defender a ética e a moral. O objetivo da Campanha é conscientizar, esclarecer, incentivar. Sua fundamentação é que a Igreja não pode ignorar a política porque é nesse espaço que se trava a batalha pela libertação temporal do homem, um homem constituído de corpo e alma de modo único, total, inseparável. A alienação

política deixaria o povo nas mãos da tecnocracia. Ignorar o "locus" da política é descumprir o mandato que Jesus deu aos comunicadores da palavra.

Na sua estratégia de comunicação, o discurso religioso incorpora e transforma os mitos, os símbolos, as imagens e os costumes de cada época.

Para que o discurso tenha a melhor recepção, é necessário que fale a linguagem do povo naquele determinado contexto histórico.

Para persuadir, é necessário que o comunicador não esteja apenas preparado pelo estudo e pela pesquisa, mas que não se limite às palavras, que apresente uma vida coerente de exemplos e obras.

Embora atualizando o discurso a Igreja jamais muda a essência dele que é a pregação do amor ao próximo como o maior de todos os mandamentos.

Conclusão

Vimos neste trabalho que, incorporando e transformando mitos e ritos através dos séculos, o Discurso Religioso opera no sentido de persuadir o Homem a respeito dos valores transcendentais, ensinando-o a agir de modo ético e moralmente correto. É um trabalho de persuasão que atua sob uma premissa básica: Se levado a acreditar no Transcendente, se persuadido a colocar em prática a sua Fé, o Homem amará o próximo, respeitando-o como filho de Deus, sendo ético, moral, justo e fraterno no relacionamento com a família humana. O grau de adesão a essa filosofia de vida dependerá dos níveis de persuasão. Para aprofundar a persuasão, o comunicador precisa recorrer às técnicas de retórica e argumentação.

Também vimos - na abordagem da Teoria Estética da Recepção - que o Discurso é recebido de modo diferente a cada época. Sua recepção influencia o contexto de produção. Exatamente por isto o orador sacro, o autor católico, o comunicador afinal,

precisa ser realisticamente pragmático ao se dirigir aos diferentes "auditórios" que, neste trabalho de pesquisa, foram definidos à luz da Teoria Retórica de Perelman.

Para Perelman é clara a distinção da "argumentação" e da "demonstração", no bojo da arte retórica. A argumentação envolve o conjunto das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas.

Enquanto a demonstração é uma série de estruturas e formas destinadas a provar, coercivamente, um postulado, sem deixar margem a dúvidas. A diferença é que a argumentação leva em conta o tempo histórico como fator preponderante, enquanto a demonstração independe do tempo, isolando-se do contexto.

Considerando-se que a argumentação é essencialmente um ato de comunicação, implicando a comunhão das mentes - "tomada de consciência comum do mundo tendo em vista uma ação real, através de uma linguagem viva, com tudo o que esta comporta de tradição, de ambiguidade, de permanente evolução", na definição de Perelman (Retóricas P. 379) - podemos afirmar que a Igreja opera com sucesso essas duas variáveis da Retórica.

Com efeito todo o Discurso Religioso está repleto de exemplos que comprovam esta afirmação. A persuasão se dá sempre através de atos de demonstração e de atos de argumentação. Tomando os textos bíblicos e eclesiásticos selecionados para esta dissertação, podemos comprovar a ocorrência dessa técnica de comunicação desde o Antigo Testamento: Para persuadir a Casa de Abraão a ser fiel, afastando-se da idolatria, Javé não usa apenas a argumentação da Terra Prometida, a recompensa futura, a descendência mais numerosa que os grãos de areia da praia, ou a dialética dos Dez Mandamentos. Ele também dá demonstrações do seu poder através dos Patriarcas, derrotando os cananeus e outras tribos para entregar a Terra de Canaã ao Povo Eleito. Na chamada "Teofania do Sinai" as demonstrações de Poder são fenomenais. No Novo Testamento Jesus irá dizer que o Pai precisava ser tão enfático por causa da "dura cerviz" do povo antigo. Deus ensinou a Moisés, pessoalmente, como persuadir o Faraó a respeito do poder do Verdadeiro Deus. Mandou que Moisés e Aarão atirassem seus cajados diante do Faraó e eles se transformaram em serpentes venenosas. Mandou que Moisés tocasse com sua vara

as águas do Nilo e elas ficaram rubras como sangue. O Senhor separou as águas do mar para que os hebreus fugissem a seco do cativeiro do Egito. No deserto enviou o Maná e tirou água da rocha para saciar a sede do povo.

Ao longo dos séculos a argumentação muda, pois já não se trata de salvar uma etnia, um determinado povo, mas todos os homens. Já não se trata de perdoar os amigos e odiar os inimigos, mas de amar e ajudar os que nos fazem mal. Não se trata mais de ter o poder do Rei Davi com seu gládio e sua espada, ou o poder dos exércitos para conquistar e dominar, mas de ser manso e humilde de coração, de olhar para o pobre, o excluído, o marginalizado, o desprezado, porque ele é a imagem de Cristo. A argumentação evoluiu com o tempo - como mostra Perelman - mas os atos de demonstração são como pilares imutáveis que independem do tempo e permanecem para sempre fornecendo suporte ao trabalho de argumentação.

No Novo Testamento o discurso também se alterna entre recursos de demonstração e de argumentação como se vê nos milagres que corroboram a pregação de Jesus provando sua Natureza Divina. É com o milagre da transformação da água em vinho, nas Bodas de Caná da Galiléia, que ele faz sua primeira manifestação pública. Ao longo da vida Jesus prega e faz milagres. Argumenta e demonstra, com fatos sobrenaturais, sua origem divina. Após a morte física na cruz, ele continua fazendo milagres. Aparece às santas mulheres na forma de um jardineiro; aos Irmãos de Emaús como um caminhante peregrino e quando aparece aos apóstolos, com Tomé ausente, este não se deixa persuadir pela argumentação dos apóstolos que viram o Mestre. Quer uma demonstração. Quer ver para crer. Jesus lhe mostra as feridas (demonstração, fato estático no tempo, único) mas faz uma profecia de bênção que atravessa os séculos até cada um de nós, ao mesmo tempo que censura a falta de fé de Tomé: "Felizes, porém, os que não viram e acreditaram" (argumentação).



As bases do Discurso

A seqüência do corpus temos a Encíclica *Centesimus Annus*, toda ela voltada para o social, reafirmando que não basta argumentar com palavras, é preciso demonstrar a fé com obras. Está escrito que é pelas obras que serão reconhecidos os verdadeiros cristãos. "Não pode uma árvore boa dar maus frutos", disse Jesus. Na Encíclica, João Paulo II declara: "O amor ao homem - e em primeiro lugar ao pobre, no qual a Igreja vê Cristo - concretiza-se na promoção da justiça". Sem demonstrar o seu amor pelo pobre colocando em prática a sua Fé, a Igreja recua ao contexto do medievalismo, isolando-se, enclausurando-se, nos gabinetes do poder. E ao se isolar, verá sua argumentação ruir por terra pela dissociação do que Perelmam chama de "ato e pessoa", como já vimos, também, neste trabalho.

Recursos de argumentação e de demonstração estão ainda presentes nas Campanhas da Fraternidade da CNBB, todas elas voltadas para atos concretos de

fé a favor dos excluídos. Exemplo de referência é a Campanha da Fraternidade de 1995 que retoma o Evangelho de Mateus ao evocar o Juízo Final quando os homens serão julgados pela fé que tiveram em Jesus. "Fé que significa - diz o Texto Base - reconhecimento e compromisso com a pessoa concreta de Jesus, identificado com os pobres e oprimidos, marginalizados pela sociedade fundamentada no lucro e no poder". O mote da campanha relaciona-se com a pergunta que faremos quando, em juízo, Jesus nos questionar: "Tive fome e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; estava nú, e não me vestistes; era estrangeiro, e não me acolhestes". Então indagaremos: "Mas quando é que te vímos com fome, com sede, né ou como estrangeiro? "A resposta será: "Toda vez que fizestes estas coisas ao menor dos vossos irmãos foi a mim que fizestes". Por isto a CF mostra a miséria desumana dos excluídos e faz a vinculação com a passagem evangélica: "Eras tu, Senhor?".

A Igreja argumenta que "a fé sem obras é morta" (Tg 2, 14-19).

Na CF DE 1996, voltada para a conscientização política por ser ano de eleições, os argumentos remetem para a demonstração prática da consciência religiosa ao recomendar expressamente o voto nos candidatos comprometidos com a ética e a moral, contra a corrupção. Do ponto de vista ético ou dos valores, a política é o conjunto de ações pelas quais os homens buscam uma forma de convivência entre os indivíduos, grupos, nações que ofereça condições para a realização do bem comum".

Em toda a prática moderna da Igreja, é cada vez mais presente essa forma de demonstrar a fé indo ao encontro dos pobres como faz a pastoral da Terra, ou a Pastoral dos Enfermos, como fazia a Ação Católica ou como fazem hoje as Comunidades Eclesiais de Base. A Igreja atua no campo ou na cidade, nos países ricos ou nas regiões pobres, dentro das esferas diplomáticas do poder internacional, ou na estrutura miserável dos países "emergentes". Essa capacidade de se adaptar aos contextos históricos de todos os tempos - uma característica da argumentação também vista por Perelman como expressão da antropologia, da sociologia e da

psicologia - assegura a atualidade do Discurso Religioso (num mundo cada vez mais sequioso de Deus).

Os objetivos propostos no início deste trabalho eram estudar a função do mito no espaço do sagrado, sua transformação e incorporação ao discurso católico.

Também nos propusemos a analisar as condições de recepção através dos tempos para mostrar que foram muitas as alterações no modo de expressar a palavra sagrada, mas a essência do discurso manteve-se homogênea, centrada na pregação do amor entre os homens e a Deus. Foi nosso objetivo esclarecer como se dá o processo de persuasão através desses recursos míticos, retóricos e imagéticos. A escolha do corpus esteve ligada aos objetivos temáticos do trabalho. Atualizando a leitura do discurso, concluímos que não basta, hoje, na era da imagem digitalizada, a proposta de Vieira sobre o pregador.

Não basta considerar a **pessoa**, o **conhecimento**, o **assunto**, o **estilo** e a **voz** do pregador. No mundo informatizado da eletrônica o pregador pode estar do outro lado do planeta, falando para um auditório **universal**, sem a proximidade íntima dos antigos curas de aldeia, daí ser apenas relativa a circunstância da pessoa.

Quanto ao conhecimento é inevitável e indispensável a todo comunicador, embora se cumpra em nossos dias a profecia evangélica dos falsos profetas, aqueles que usam o discurso do amor para pregar o ódio, a dissensão religiosa e até a guerra, usando o conhecimento para agir como lobos em pele de ovelha. Cristo profetizou a respeito dizendo: "Dias virão em que desejareis ver um dia só o Filho do Homem, e não o vereis. Então vos dirão: 'Ei-lo aqui. Ei-lo ali.' Não deveis sair nem os seguir. Pois como o relâmpago, reluzindo numa extremidade do céu, brilha até à outra, assim será com o Filho do Homem no seu dia. É necessário, porém, que primeiro ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração". O assunto do pregador, hoje como ontem, remeterá sempre ao texto bíblico, fonte da mensagem sagrada, como já vimos.

O estilo que o próprio Vieira criticava em seu tempo por ser pesado e rococó, não comporta mais os rebuscados do barroco, muito menos quando o espaço é o

eletrônico onde a longa exposição causa efeitos desastrosos ao comunicador se ele não tiver vivacidade para prender o interesse do receptor. A voz, hoje, também é influenciada pelos recursos eletrônicos, não tendo mais o peso determinante de outrora, quando o pregador precisava falar do púlpito, por sobre as cabeças, para ser ouvido e entendido. Hoje, cumprindo outra profecia do próprio Cristo, o comunicador fala "por sobre os telhados", através da televisão, do rádio, da Internet, via satélite.

O modelo de Vieira carece, para ser válido em nossos tempos, de indagar "com quem o pregador fala" porque aqui está presente o conceito de "estética da recepção", influenciando diretamente o discurso do orador. Já foi dito neste trabalho que o pregador não pode fazer do mesmo modo o sermão de domingo para a missa dos adultos (às 7 horas), a missa das crianças (às 10 horas) e a missa dos jovens (às 19h30). Não apenas por impedimento físico, mas porque cada auditório exige um tipo de discurso, muito embora sobre o mesmo assunto. Se o pregador se dirige ao auditório universal, representado empiricamente na sua imaginação, então será preciso escolher um modo de falar que atinja o maior número possível de pessoas, considerando-se o alcance e o público-alvo da emissora. De qualquer modo é preciso considerar gravemente a circunstância do "com quem fala".

Igualmente importante é saber "o que o pregador quer alcançar". Um discurso religioso não é propriamente um discurso informativo. Ele interpreta textos bíblicos e dele tira conclusões para o presente, para a nossa realidade, num processo diacrônico de atualização permanente. Sabemos que o objetivo a alcançar será sempre a persuasão, a conversão, a transformação. Isto exige argumentação lastreada em demonstrações, em exemplos práticos da vida diária como fazia o próprio Cristo recorrendo às parábolas, às palavras simples das donas de casa e também aos milagres (estes, naturalmente, privilégio de sua natureza divina).

Finalmente, esperamos ter realizado uma pesquisa bibliográfica em que se demonstra o desempenho das palavras-chave propostas no início: Discurso-Orador-Ouvinte-Persuasão-Mito-Rito.

Anexo I

O Sermão em Vieira

Naturalmente os tempos mudaram e o sermão ou homilia não tem mais o estilo gongórico do barroco. Nem sempre se destina a ser peça oratória como uma catilinária patética. A linguagem moderna é mais dialógica, mais referencial, mais próxima do grande público, porque a Igreja fala para todos, não só para a elite.

Também na arte literária os estilos mudaram. Nem por isso se pode ignorar os clássicos que deixaram uma obra eterna como o bronze. No dizer de Cícero "o homem passa como o som do cimbalo, mas sua obra é eterna como o bronze". Se o assunto é o discurso religioso, não se pode ignorar a arte do Padre Antonio Vieira que, no "Sermão da Sexagésima", transmite ensinamentos sempre atuais sobre a arte de pregar.

Vieira está na capela real, em Portugal. É 1655. Tempo de Quaresma. Prega para a corte. Seu tema é: *a palavra de Deus* ("*Semen est verbun Dei*" Lc 8). O que faz um missionário brasileiro (embora tenha saído criança de Portugal) pregando no coração da coroa Portuguesa?

Logo no início do sermão Vieira trata de situar-se e de situar os padres da corte lembrando que todos são pregadores da palavra, mas uns saem para as missões, vão pregar longe, outros preferem pregar na Pátria. E fulmina: "Ah dia do juízo! Ah pregadores! os de cá, achar-vos-ei com mais paço, os de lá, com mais passos: *Exiit seminare*".

Vieira está falando sobre a parábola do semeador, descrita em Lucas, capítulo 8: "*Ecce exiit qui seminat, seminare*". Segundo ele o Evangelho diz que o semeador saiu, mas não diz que retornou. Cristo definiu de modo semelhante a vocação do pregador: "Não olhe para trás quando pegar no arado".

Depois Vieira entra no texto da parábola, lembrando que "quando Cristo mandou pregar os apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae*: Ide e pregai a toda criatura". Ele mesmo indaga se os animais também não são criaturas. Se toda a natureza não é criatura: "Pois não de pregar os apóstolos às pedras? Não de pregar aos troncos? Não de pregar aos animais? Sim: diz São Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar homens degenerados em todas as espécies de criaturas; haviam de achar homens brutos; haviam de achar homens troncos; haviam de achar homens pedras".

Em seguida descreve as agruras de um missionário em terra longínqua e inhospita como o Brasil ("... houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio Amazonas: houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs: houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdidos nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas".

Vieira não está apenas pregando para a corte. Está mostrando o trabalho dos Jesuítas na catequese e na colonização do Brasil, certamente esperando apoio e colaboração da coroa portuguesa.

Apressa-se em justificar o desabafo afirmando que não se queixa, que tudo faz pela glória de Deus: "Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de Vós mirrados: afogados sim, mas por amor de Vós afogados: comidos sim, mas por amor de Vós comidos: pisados e perseguidos sim, mas por amor de Vós pisados e perseguidos".

É de se imaginar o efeito retórico dessa reiteração de categorias semânticas sobre o auditório solene e circunspecto. Pregando na Quaresma, tempo de penitência e de conversão para a Igreja, Vieira busca sensibilizar a corte para as injustiças que

geram pobreza na colônia: "...será bem que o mundo morra de fome? Não será bem, nem Deus quer que seja, nem há de ser".

Feito o "intróito" do sermão com clara motivação política, Vieira retoma o plano espiritual ao interpretar a parábola:

"O trigo que semeou o pregador Evangélico, diz Cristo, que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho, e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração, e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*"

Posto que a palavra de Deus é semente e que tantos a anunciam há tanto tempo por todo o mundo, porque ela dá tão pouco fruto? - indaga Vieira:

"Assim como Deus não é hoje menos Onipotente assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era... porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim para aprender a pregar, a vós para que aprendais a ouvir."

Aqui começa a parte didática do sermão sobre a arte de pregar. Em resumo, Vieira diz:

A persuasão pode ser fraca ou deficiente por três motivos

- 1) Por causa do pregador
- 2) Por causa do ouvinte
- 3) Por causa de Deus

Assim, para converter as almas através do sermão:

- 1) Há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo
- 2) Há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo;
- 3) Há de concorrer Deus com a graça, alumando.

Também para alguém se ver no espelho é necessário:

- 1) olhos
- 2) espelho
- 3) luz

Se tem espelho e é cego, uma pessoa não se pode ver por falta de olhos;

Se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz;

Que é a conversão senão entrar dentro de si e ver-se a si mesmo? - indaga.

Então, temos este esquema

Homem conhecimento olhos

Pregador doutrina espelho

Deus Graça luz

De quem é a falha para haver pouco fruto?

De Deus não pode ser porque é profissão de Fé definida no concílio tridentino e no Evangelho. Por outro lado, se Deus dá o sol e a chuva aos bons e aos maus [terrenos para a semente germinar] ; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? "*Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos*".

Então a falha é do pregador ou do ouvinte: "Os ouvintes, ou são maus ou são bons; se são bons, faz nêles grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito."

Afinal as sementes que caíram entre os espinhos ou nas pedras não deram fruto, mas nasceram:

"Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus são as pedras e os espinhos. E por que? os espinhos por agudos, as pedras por duras, ouvintes de entendimentos agudos, e ouvintes de vontades endurecidas, são os piores que há...mas é tanta a força da palavra divina que apesar da agudeza nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras."

Então a culpa pelo pouco fruto é do pregador:

"No pregador podemos considerar cinco circunstâncias:

- 1) A Pessoa que é
- 2) A Ciência que tem
- 3) A Matéria que trata

4) O Estilo que segue

5) A Voz com que fala".

Podemos acrescentar mais duas circunstâncias ao modelo de Vieira:

6) Com quem fala

7) O que quer alcançar

Para persuadir, convencer, transformar, o pregador tem que apresentar coerência entre o que diz e o que pratica:

"O pregar que é falar, faz-se com a boca; o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras".

Mesmo Deus não ficou só nas palavras quando fez promessas a Abraão. Deus efetivamente a terra prometida ao povo que efetivamente foi tirado do cativeiro. Efetivamente enviou seu próprio Filho ao mundo:

"Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus, consistiu a eficácia da salvação do mundo".

Por que?

"O Filho de Deus enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum, non factum*. O Filho de Deus enquanto Deus e Homem, é palavra e obra de Deus juntamente: *verbum caro factum est*. De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obra, não fiou Deus a conversão dos homens".

O sermão dá pouco resultado quando o auditório ouve uma coisa e vê outra:

"Sabem padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Por que não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Por que convertia o Batista tantos pecadores? Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, os seus exemplos pregavam aos olhos".

João Batista pregava a penitência mas vivia no deserto alimentando-se de gafanhotos; condenava a vaidade, mas vestia-se com peles de camelo; pregava o retiro e fugia das cortes: "*Ecce Homo*: eis aqui o homem que deixou as côrtes e as cidades e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e vêem outra, como hão de se converter?"

A falha de comunicação estaria no estilo do pregador?

"Um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo encontrado a toda arte e a toda natureza?... O estilo há de ser muito fácil e muito natural... Por isso Cristo compara o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte... O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha, ou azuleja... O estilo pode ser muito claro e muito alto, tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem".

O sermão também precisa ter unidade para persuadir. Não se deve tratar muitos assuntos ao mesmo tempo:

"Quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias".

"Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. O Batista convertia muitos na Judéia, mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*; preparação para o reino de Cristo."

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer

às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Cada um deve pregar o seu sermão, não o alheio.

O sermão deve sair da cabeça, não da boca: "O que sai só da boca, pára nos ouvidos; o que nasce do juízo penetra e convence o entendimento."

Estaria a falha dos pregadores na voz?

"Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando."

Quando estava no corte de Pilatos Cristo tinha a seu favor a sua razão, e tinha contra si os brados da multidão. "A razão não valeu para o livrar, os brados bastaram para o por na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem".

Em muitas ocasiões, porém, "o praticar familiarmente, e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma".

Afinal, Moisés tinha voz fraca, mesmo assim convencia e persuadia.

Os sermões dão pouco fruto, na verdade, porque não se prega a palavra de Deus:

"As palavras de Deus pregadas no sentido que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do demônio."

No caso da tentação de Cristo por exemplo: "Todas as Escrituras são palavras de Deus; pois se Cristo toma a escritura para se defender do diabo, como toma o diabo a Escritura para tentar a Cristo? A razão é porque Cristo tomava as palavras da

Escritura em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido".

"Enfim, para que os pregadores saibam como hão de pregar; e os ouvintes, a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo do nosso reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos. Não os nomeio, porque os hei de desigualar.

Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dois fôsse maior pregador, e como não há juízo sem inclinação, uns dizem este; outros, aquele. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu desta maneira: "entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo; só direi uma diferença, que sempre experimento. Quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim". Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador; agora quisera eu desenganar-vos tanto, que saíeis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christi servus non essem*, dizia o maior de todos os pregadores, São Paulo. Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que nesta mesma igreja há tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo, angelis, et hominibus*. Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, esta a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve, e nos há de

julgar. Que conta há de dar a Deus um pregador no dia do juízo? O ouvinte dirá: não mo disseram; mas o pregador? *Vae mihi quia tacui*. Ai de mim que não disse o que covinha: Não seja mais assim por amor de Deus, e de nós. Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios.

Preguemos, e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades.

Veja o céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus; e saiba a mesma terra, que ainda está em estado de reverdecer, e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum*."

Bibliografia

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1995.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1990.

AUSTIN, J. L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Éditions du seuil, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. *Da Sedução*. Campinas: Papirus, 1992.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOMBO, Frei Constantino (org). *Encíclicas e Documentos Sociais- Vol 2*. São Paulo: Loyola, 1993.

BRUNEL, Pierre (org) *Dicionário de Mitos Literários*. São Paulo: José Olympio, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1995.

As Máscaras de Deus - Mitologia Primitiva. São Paulo: Palas Athena, 1997.

CATÃO, Franco e Vilela, Magno. *O Monopólio do Sagrado*. São Paulo: Best Seller, 1994.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Vozes, 1993.

CLÉVENOT, Michel. *Lectura Materialista de la Biblia*. Salamanca: Sigueme, 1978.

CASTELLI, Enrico. *Images et Symboles*. Paris: Hermann, 1971.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *C.F. "Eras Tu, Senhor?!"*
São Paulo: Salesiana, 1995.

Campanha da Fraternidade - Justiça e Paz se Abraçarão. São Paulo: Salesiana, 1996.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo: Perspectiva, 1993.

FLOINO, Nácar Fuster. *Sagrada Bíblia*. Madri: 1955.

GARAUDY, Roger. *Deus é Necessário?* Rio: Zahar, 1993.

GRANT, Robert M. *La Gnose et les Origines Chrétiennes*. Paris: Seull, 1964.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: -

ISER, Wolfgang. *O Ato de Ler - Fundamentos Psicológicos para uma pedagogia da leitura*. Campinas: Cortez, 1987.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JÚNIOR, Hilário Franco. *A Eva Barbada-Ensaio de Mitologia Medieval* . São Paulo: Edusp, 1996.

KELLER, Werner. *E A Bíblia tinha Razão...* São Paulo: Melhoramentos, 1989.

KETTERER, Eliane e REMAUD, Michei. *O Midrax*. São Paulo: Paulus, 1996.

LATOURELLE, René. *Jesus Existiu? História e Hermenêutica*. Aparecida: Santuário, 1989.

MARTINS, Oliveira. *Sistema dos Mitos Religiosos*. Lisboa: Ed. Guimarães, 1953.

McKENZIE, John. L. *Mito y Realidad en el Aantiguo Testamento*. Madri: Virlato, 1971.

- Miles, Jack. *Deus - uma biografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, Fé, Poder*. Campinas: Pontes, 1987.
- ORR, James. *Cristianismo e Crítica*. Torino: 1912.
- OSAKABE, Haqira. *Argumentação e Discurso Político*. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltda, 1979.
- PAULO II, João. *Cruzando o Limiar da Esperança*. São Paulo: Francisco Alves, 1994.
- PECHEUX, M. *Analyse Automatique du Discours*. Paris: Dunod, 1969.
- PERELMANN. *Traité de Argumentation - La Nouvelle Rethorique*. 2ª ed. Bruxelas: C.U.B., 1970.
- Tratado da Argumentação. A nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PENA, Juan L. Ruiz de la. *Teología de la Creación*. Santander: Sal Terrae, 1986.
- PLATÃO E FIORIN. *Para Entender o Texto-Leitura e Redação*. São Paulo: Ática, 1990.
- RIBÓLLA, Pe. José. *Os sacramentos trocados em miúdo*. Aparecida: Ed. Santuário, 1990.
- RIFFATERRE, Michael. *La production du texte*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- SALAS, Antonio. *Mito y Desmitificación en el Nuevo Testamento*. Madri: La Biblia, 1971.
- SALZEDAS, Nelyse Aparecida Melro. *O leitor e o ato da leitura*. Tese de Livre Docência. Unesp. Campus de Assis, 1983.
- SEARLE, J. *Les Actes de Langage*. Paris: Hermann, 1972.

SANCTIS, Frei Antonio (org.) *Encíclicas e Documentos Sociais*. São Paulo: LTr, 1971.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

SPANG, Kurt. *Fundamentos de Retórica*. Navarra (Espanha): Ediciones Universidad de Navarra, S.A., 1979.

STRABELI, F. Mauro. *Bíblia: Perguntas que o povo faz*. São Paulo: Paulus, 1991.

O Apocalipse-Explicação e Atualização. São Paulo: Ave Maria, 1992.

Leitura Franciscana da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1993.

VÁRIOS AUTORES. *A Criação e o dilúvio Segundo os Textos do Oriente Médio Antigo*. São Paulo: Paulinas, 1990.